

265

JOSEFINA
REGIO-EQUIVOCO-PANEGYRICA,
EXORNADA

Com os Epitetos de-Regio-Equivoco-pelo que delles encerra em as tres Praticas, e Sermaõ do gloriozo Patriarcha da Sagrada Familia de Deos.

O S E H N O R

S A M J O Z E,

Debayxo de cuja Protecção, vay offerecida, e confagrada

AO AUGUSTISSIMO, E SERENISSIMO SENHOR

DOM JOZE I.

REY DE PORTUGAL:

Pro-Dedicatoria ao mesmo Senbor està o discurgo da sua Real, e feliz Acclamação, no qual se decifra o-Equivoco-Regio-desta Josefina, conceituada, e exposta

PELLO P. PREGADOR

Fr. ANTONIO DE SANTA MARIA

J A B Ó A T A O,

Natural deste mesmo lugar em Pernambuco, e Religiozo da Provincia de Santo Antonio do Brazil.



L I S B O A:

Na Officina de Pedro Ferreira, Impressor da Augustissima Rainha N. S. Anno de M.DCC.LIII.

Com todas as licenças necessarias.



JOSEPHINA

REGIO-EGUIVOCO-PANEGYRICA

EXORNADA

Com os Epitafios da Regio-Equivoco-pelo que delle
conceris em as tres Partes, e Sermaes do glorioso
Patriarcha da Sagrada Familia de Icos.

COSEPHINO

SAMUEL

Debayno de cuja Protecção, vay offerecida, e

congratada

AO AUGUSTISSIMO, E SERENISSIMO SENHOR

DOM JOZEL

REY DE PORTUGAL

Pre-Dedicatória ao mesmo Senhor Rey de Portugal
Joze I. e a sua Magestade, e a sua Magestade
Joze I. e a sua Magestade, e a sua Magestade

PELLO P. PREGADOR

FR. ANTONIO DE SANTA MARIA

JABOATÃO

Natural deste mesmo lugar em Pernambuco, e Religioso
do Convento de Santo Antonio de Brazil



LISBOA

Na Officina de Pedro Teófilo, Impressor da Real Academia
das Sciças N. 2. Anno de M. DCC. LXXV.

Com toda a liberdade de impressão

L I C E N Ç A S

D A O R D E M

FR. Gervasio do Rosario, Pregador, Ex-Definidor, Padre, e Ministro Provincial da Provincia de Santo Antonio do Brazil, &c. Pelo que a Nós toca, damos licença para que se possa imprimir hum Livro, que contém tres Praticas, e hum Sermaõ do Glorioso Patriarcha S. Jozé, cujo titulo he: Jozefina Regio Equivoco, Panegyrica, composto pelo Padre Prègador Fr. Antonio de Santa Maria Jaboataõ filho da sòbredita Provincia; o qual foy visto, e approvado pelos Religiozos Doutos della, que para este effeito deputamos. Em fé do que demos esta por Nós assinada, e sellada com o sello menor de nosso officio. Convento de N. P. S. Francisco da Cidade da Bahiá 20 de Janeiro de 1752.

Fr. Gervasio do Rosario.

Ministro Provincial.

Lugar ✠ do Sello.

P. M. D. S. P. R.

Fr. Joaõ de Jesus Maria.

Secretario da Provincia.

✠ ij

Do

LICENÇAS

D.A.O.R.D.E.M.

F

R. Garção do Relatio, P...
 Padre, e Ministro Provincial da Provincia de Santo
 Antonio do Brasil, &c. Pelo que a N. S. M. de
 esta parte para que se possa imprimir hum Livro, que con-
 tem tres Partes, e hum Sermon do Glorioso Patriar-
 cha S. Jose, cujo titulo he: Joazez de Rego. P...
 voce, Panegyrica, composta pelo Padre P...
 Antonio de Santa Maria Jaboato Filho da Liberdade Pro-
 vincia; o qual toy visto, e approvado pelos Religio-
 sos Dons della, que para esse effeito se reuniram. Em
 se do que damos esta por N. S. M. e sellada com o
 sello menor de nosso officio. Concedida de N. S. M. em
 cinco da Cidade de Bahia ao de Janeiro de 1722.

Fr. Garção do Relatio.
 Ministro Provincial.

Lugar do Sello.

F. M. D. S. P. R.

Fr. João de Jesus Maria.

Secretario da Provincia

ix ij

Da

DO SANTO OFFICIO.

*Aprovação do M. R. P. M. Fr. Manoel da An-
nunciação, Qualificador do Santo Officio, da Or-
dem dos Prégadores, &c.*

Ill.^{mos} e R.^{mos} S.^{res}

POr mandado de Vossas Illustrissimas, e Reveren-
dissimas vi hum caderno ou Livro pequeno de
Sermoens, e Praticas, que prégou o Reverendo
Padre Fr. Antonio de Santa Maria Jaboataõ Reli-
gioso de Nosso Padre São Francisco na Provincia de
Santo Antonio do Brazil, e assistentes no seu Con-
vento de Pernambuco, dando-lhe o titulo, de Joze-
fina Regio Equivoco-Panegyrica; e como a emprêza
seja equivocada, della não posso formar conceito ulti-
mado, porque he doutrina dos Philosophos, que os
equivocos em o mesmo nome tem significados diver-
sos, a que devem corresponder distintos conceitos, e
desta Philosophia se vale o Author nos seus discurs-
tos. Porem sempre formo aquelle conceito, que faz
digno da licença que pede, porque em nada se en-
contra com os dictames da nossa Santa Fè Catholica,
ou bons costumes. Vv. Illustrissimas, e Reverendis-
simas mandaraõ o que forem servidos. São Domin-
gos de Lisboa 16. de Novembro de 1752.

Fr. Manoel da Annunciação.

Vista a informação, pode-se imprimir o livrinho,
que se apprezenta, e depois voltará conferido
para se dar licença que corra, sem a qual não cor-
rerá. Lisboa 17. de Novembro de 1752.

*Fr. R. Alancastre. Silva. Abreu. Paes. Tri-
gozo. Silveira. Lobo. Castro.*

DO ORDINARIO.

Approvação do M. R. P. M. Fr. Francisco Xavier de Lemos, Qualificador do Santo Officio da Ordem dos Prègadores.

EXCELENTISSIMO SENHOR

O Livro que Vossa Excelencia me manda ver, intitulado Jozefina Regio-Equivoco-Panegyrica, obra do Padre Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatão não contem couza contra a pureza da fé, ou bons costumes, e assim me parece se póde imprimir. Assim o julgo, Vossa Excelencia mandarà o que for servido. Convento de S. Domingos de Lisboa 14. de Dezembro de 1752.

Fr. Francisco Xavier de Lemos.

D O P A C O.

Approvação do M. R. P. M. Fr. Antonio de Nazareth Ex-Leytor de Theologia, Ex-Custodio, e Padre das Provincias de Santo Antonio de Portugal, e da Piedade.

SENHOR:

Josefina-Regio-Equivoco-Panegyrica, he o titulo deste livro em que se conthem tres Praticas, hum Sermão, e huma acção de graças, que recitou, e prègou o Padre Mestre Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatão em Pernambuco, e quer fazer imprimir neste Reino; Vossa Magestade o manda ler para que informe com o meu parecer, e se na boa Philo-
phia

118
phia se ensina que hà Equivocos à Confilio, e Equivocos à cazu, bem mostra seu Author o quanto está certo nas regras da Methaphysica, porque não à cazu, mas à Confilio; e de cazo pensado condecora o livro com o titulo de Regio-Equivoco, valendo-se por este meyo do patrocínio do Santo mais soberano, o Senhor São Jozè, que he o Rey dos Santos para que Vossa Magestade, que he o Rey dos Reys, o ampare, como taõ Augusto, taõ Soberano, e taõ Regio Patrono; não fahirà frustado o seu intento, quando se sabe que hum Monarca, taõ pio, não nega o que se pretende sendo licito, a quem se vale do assylo de taõ glorioso Santo: a mim só pertence dizer que me parece justo conceder-se a licença, que se pede para se dar ao prelo hum livro em que se não acha hum só apice, que se oponha aos dogmas da fé, aos bons costumes, nem às Leys de Vossa Magestade, que ordenarà o que for servido. Lisboa em o Convento de Santo Antonio dos Capuchos em 21. de Dezembro de 1753.

Fr. Antonio de Nazareth b.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de Impresso tornarà para se conferir, e taixar, e dar licença, que corra, que sem ella não correrà. Lisboa 8. de Janeiro. de 1753.

Marquez P. Ataíde. Castro. Seabra.

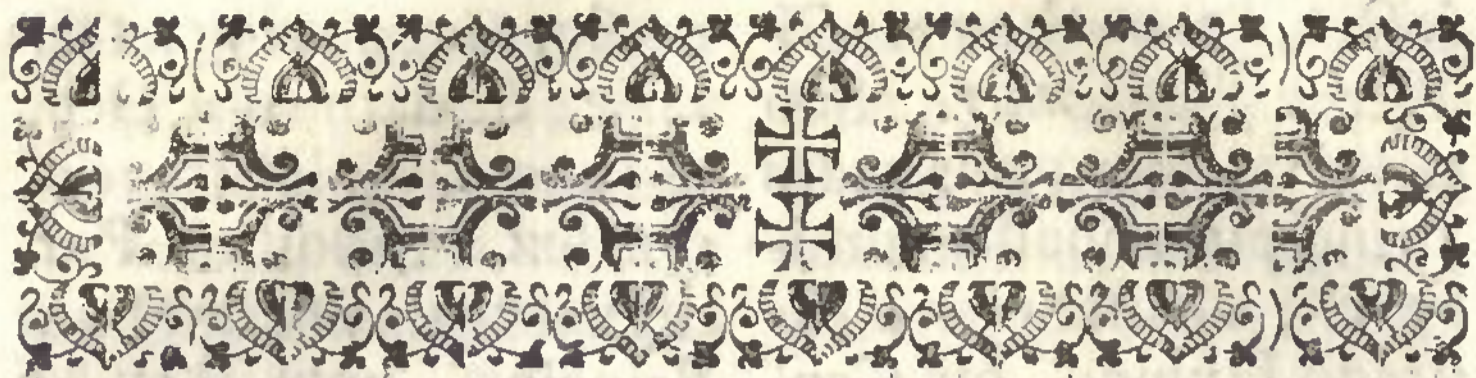
phie se colina que ha Equivocada a Condição, e Espirito
vocos a cada um, com a mesma tenção, e quanto este car-
to nas terras da Metaphysica, porque não a cada
mas a Condição, e de cada um, e quanto este car-
to com o titulo de Rey de Espanha, e quando se por elle
meo do patronato do Santo Imperio, e quando se por
São Joze, que he o Rey das Indias, e quando se por
pedidos, que he o Rey dos Reys, e quando se por
Aguilão, e quando se por São Joze, e quando se por
luz, e quando se por São Joze, e quando se por
nada, e quando se por São Joze, e quando se por
a quem se vale do titulo de São Joze, e quando se por
se pertence a quem se por São Joze, e quando se por
em que se pertence a quem se por São Joze, e quando se por
nao se pertence a quem se por São Joze, e quando se por
os seus columnas, e quando se por São Joze, e quando se por
ordenamento, que he o titulo de São Joze, e quando se por
São Antonio das Capuchas em 21. de Dezembro de

Antônio de Vasconcelos

Ue se possa imprimir, e vender, e licenciar de São
Ordem e Ordens, e quando se por São Joze, e quando se por
pelo confessor, e quando se por São Joze, e quando se por
seu elle se pertence a quem se por São Joze, e quando se por

Marques P. de Albuquerque

Ue se possa imprimir, e vender, e licenciar de São
Ordem e Ordens, e quando se por São Joze, e quando se por
pelo confessor, e quando se por São Joze, e quando se por
seu elle se pertence a quem se por São Joze, e quando se por



Te Deum laudamus, Te Dominum confitemur.

Ex Hymno Ecclesiæ.



DAR graças a hum Rey, e Senhor Soberano, que he Deos: *Te Deum laudamus*; Reconhecer, e confessarmos, como dado por Deos a hum Soberano, q̃ he hoje nosso Rey, e Senhor: *Te Dominum confitemur*; he todo o objecto deste luzido, nobre, e illustre acto. Melhor o direy ao meu intento. Render a Deos as graças, como a Rey de Reys, e Senhor de Senhores: *Te Deum laudamus; Rex Regum, & Dominus Dominantium*; por Senhor hum Rey com attributos de Deos; *Te Dominum confite-*

mur: Ego dixi, Dii estis: he o empenho todo do meu discurso nesta hora; porque este he todo o objecto desta Regia acção neste dia.

Que seja Deos, como Rey de Reys, e Senhor de Senhores, o que dà Senhores, e poem Reys em todo o mundo, ninguem o duvida; e que no Rey, que nos dà hoje por Senhor, nos dà hum Senhor, e hum Rey com attributos de Deos; ou assim como Deos quando he Rey: isso he o que hade mostrar agora o meu discurso; e para isto, vejamos logo a consonancia, que fazem entre si, o discurso, o ob-

A jecto

jecto, e o thema. *Te Deum laudamus*. São palavras estas, pelas quaes principia aquelle admiravel, altissimo, e sagrado Hymno, ou Cântico, cõposto pelos dous maiores Doutores, e lumes da Igreja São Ambrozio, e Santo Agostinho; deste Hymno, e das suas profundissimas palavras uza a Igreja em todas aquellas acções, que por alguma circumstancia grande, ou notavel, solemnemente congregados os seus Fieis, costumão dar a Deos as graças por beneficios, e favores recebidos do mesmo Senhor. Mas sendo estas palavras cõmuas para quaesquer acçoens de graças, que a Deos se tributão por bens recebidos da sua Divina, e liberal mão; pelo bem de dar ao seu Povo Reys, e Senhores, ainda são mais proprias, e ajustadas; e tão ajustadas, e proprias para a presente

acção, que aqui nos traz hoje, de darmos a Deos as graças, pela grande, que fez a todos os Portuguezes, de nos dar hum Principe, hum Rey, e hum Monarca, como o que hoje nos dà no nosso Augusto Senhor D. Jozé I. que me atrevo a dizer, e ainda a provar, que só para a acção de graças presente, pela acclamação do novo Rey, que hoje subditos amantes, e leaes vassallos adoramos reverentes, e reconhecemos rendidos, são as mais ajustadas, e só proprias para ellas. Ora vejam.

Entra Santo Ambrozio, e Agostinho a dar graças a Deos neste seu admiravel Cântico do *Te Deum laudamus*; e depois de convidarem para ellas aos Fieis da Igreja Militante na terra: *Te per orbem terrarum Sancta confitetur Ecclesia*; continuão em dizer, que estas graças se dão a
Deos

Deos pelo grande, e singular bem, que fez aos homens em lhe mandar ao mundo feito homem seu Unigenito Filho JESU Christo: *Venerandum tuum verum, & Unicum filium*; mas he de notar, que em todo este Hymno, não dão a Christo outro titulo, mais que o de Rey, e sómente Rey: *Tu Rex gloriae Christe*. E pois como assim? Se Christo tem tantos, e tão admiraveis titulos; como consta de toda a sagrada Escritura, como lhe não dão aqui algum titulo destes, se não o de Rey, e sómente Rey? *Tu rex gloriae Christe*? Sabem porque? Porque nos quizerão ensinar, como tão grandes Mestres, que ás graças, que se devem dar a Deos no seu Cantico do *Te Deum laudamus*, só se dão com toda a propriedade, quando se dão por Christo, como Rey; ou por hum

Rey como Christo; *Tu Rex gloriae Christe, Te Deum laudamus*. E se nós mostrarmos agora, que o nosso novo, e reynante Monarca he hum Rey como Christo, quero dizer, he hum Rey com attributos de Deos, ou como Deos, quando he Rey, não ficará provado, que este cantico do *Te Deum laudamus*, para nenhum outro Monarca vem mais proprio, do que para o nosso Rey, ou para as graças, que a Deos se devem dar pela sua feliz acclamação? He sem duvida, que sim. Pois isso he o que havemos mostrar agora. Mas antes que entremos ao discurso, não posso deixar de reparar em algumas circunstancias deste dia tão solemne, e que certamente dão muito realce a essa acção em tudo Regia; humas em obsequio do dia, outras em abono do assumpto.

Em abono do assumpto, porque, se este he, vermos ao nosso reynante Monarca, hum Rey assim como Deos, quando he Rey; para isto cõcorda muito, sabermos, que assim como Deos em quanto Rey, foy Rey do Reyno de Israel, chamado o Reyno de Christo; assim tambem Reyno de Christo, sabem todos, he com especialidade o Reyno de Portugal, donde o nosso Augusto Monarca está hoje aclamado Rey. E se aquelle Povo, de quem Deos era Rey, foi chamado o Povo Israelita, quem não sabe que este mesmo nome se dà tambem ao Povo Portuguez, de quem he Rey o nosso Monarca; porque tanto faz dizer Israelita, como Portuguez, e Portuguez, como Israelita. Israelita não quer dizer outra cousa mais que homem forte, homem valeroso, ho-

mem constante. Este foi o titulo honroso, q̃ deu Deos a Jacob, depois q̃ forte, valeroso, e constante pelejou abraços huma noite inteira com o mesmo Deos, mudãdolhe entãõ, em o de Israel, o nome de Jacob: *Nequaquam appellabitur nomen tuum Jacob, sed Israel; quia, si contra Deum fortis fuisti, quanto magis cõtra hominès praevaleris.* Isto quer dizer Israelita; e não quer dizer menos que isto Portuguez. Quem mais fortes, quem mais valerosos, e que homens tem havido mais constantes assim na fortuna, como na adversidade, do que os Portuguezes. Nem temos necessidade de nos deter aqui: vamos ao nosso ponto. E se tanto faz dizer Portuguez como Israelita, e Reyno de Israel, como de Portugal, bem podemos dizer, e com muita propriedade, temos acclamado

mado em Portugal hum Monarca, que he Rey com attributos de Deos, ou assim como Deos, quando he Rey. Isto he em abono do assumpto, e em obsequio do dia naõ he menos que isto.

Huma das primeiras acçoens dignamente louvada em o nosso reynante Monarca, foi aquella; com que determinou se celebrasse a sua acclamação na Corte de Lisboa neste mesmo dia, em que estamos hoje, sete de Setembro, do anno passado, dia em que faz annos a Senhora Rainha sua Mãy. E quem deixará de louvar, que para este mesmo dia guardasse esta Cidade este solemne acto. Nisto se excedeu Lisboa a si mesmo; e nisto excedendo esta Cidade a todas as mais do Reyno, lá se vay competir com a de Lisboa. Mas, assim como aquelle acerto lá se ficou devendo todo á discreta

attenção do nosso reynante Monarca, assim aqui todo o acerto desta escolha, se deve attribuir á attenciosa discrição de quem a governa.

Ainda temos aqui mais que notar, e com isto daremos principio a este discurso; advertindo sómente, que depois de fundado em hum texto particular, e exquesito da Sagrada Escritura, naõ usaremos de mais Escritura, nem de autoridade alguma de Santo Padre; porque para Authores nos bastaõ hoje Santo Ambrosio, e Santo Augustinho, e por Escritura os principaes versos do seu Cantico do *Te Deum laudamus*; porque com elles provaremos tudo. Hoje como diziamos faz hum anno, que se acclamou em Portugal o nosso Augusto, e reynante Monarca, e hoje fazem sessenta, e oito annos, que nasceu na Austria de Alemanha aquella

quella Augusta Rainha Mãy, que nos deu para Portugal este Monarca. E que quererá dizer, a occurrência do nascimêto da Rainha Mãy na Austria, no mesmo dia, em que se acclama em Portugal o filho por Rey? Sabem o que? Couza notavel he; mas he força, que o diga. Quer dizer: Que aclamar-se em Portugal por seu Rey o nosso Monarca, no mesmo dia, em que na Austria nasceu a Rainha sua Mãy, foi para que ficassemos entendendo, tínhamos acclamado por Rey hum Monarca, que era Rey com attributos de Deos, ou assim como Deos quando he Rey. Vamos ao nosso texto particular da Sagrada Escritura.

Deus ab Austro veniet. Virá Deos das partes do Austro, dizia hum dos Profetas Menores. E que viria a dizer nisto este Pro-

feta? Quiz dizer, conforme o commum sentir dos Doutores Sagrados, que Deos havia de vir ao Mundo feito homem, e não como qualquer homem commum; senão como hũ homem Rey, e Rey, não como qualquer, mas hum tal Rey, e hum Monarca tal, que o não podia haver mayor, como quem era todo Divino; grande em si, e grande para os seus. E para admirar tanta grandeza, como couza nova, e nunca ouvida, convida o Profeta as admirações do mundo, e a atençaõ das Gentes, significada naquella palavra hebraica, *Selah*; com que na raiz do texto se nota este verso: *Selah; Deus ab austro veniet: Selah*, explica o Alapide, *Attendite, stupete, celebrate hanc Dei in nos excessivam dignationem, & beneficentiam, qua ejus majestas nobis se ostendere dignata est.* Qua-

tro cousas nos quiz advertir aqui o Profeta na explicação do Alapide. Primeira, a admiração do mundo: *Attendite*. Segunda a Acclamação de Deos em Rey *Celebrate*: terceira, a grandeza da sua Magestade: *Ejus majestas*; Quarta, e ultima, a conveniencia tambem grande para os seus: *Dei in nos excessivam dignationem, & beneficentiam*. E porque tanta grandeza em Deos quando Rey acclamado? ou porque, quando acclamado assim por Rey, hade causar a sua grandeza tanta admiração? O texto não dá outra razão, mais que dizer, era, porque vinha Deos então das partes do Austro: *Deus ab Austro veniet; Selah, attendite, stupete, celebrate*.

E quem não vê agora, q̃ isto mesmo, guardada a devida proporção, nos está inculcãdo hoje o

nosso Monarca no dia da sua acclamação, e quando se faz no mesmo dia, em que na Austria nasceu a Rainha sua Mãe. Ora notem: Entre Austria, e Austro, não ha mais differença, que ser hum o original do outro; derivarse do nome Austro a palavra Austria, e por não perdermos tempo em cousa menos necessaria, não aponto outras razoens de congruencia, e ainda naturalidade entre huma, e outra; vamos ao nosso ponto. Assim Rey com toda esta grandeza se acclama Deos, quando se diz, que vem do Austro; e por vir da Austria, vemos aclamado ao nosso Monarca por hũ Rey Grande, por hum Rey com attributos de Deos, ou assim como Deos, quando he Rey. *Deus ab Austro veniet; Selah, attendite, stupete, celebrate hanc Dei in nos excessivam dignationem, &*

*& beneficenciam, qua
ejus Majestas nobis se
ostendere dignata est.*

Por outros termos
me explicarey melhor:
Por filho de huma tal
Máy, como a Augusta
Rainha D. Maria-Anna
de Austria temos hum
Monarca acclamado em
tudo por Grande Rey.
E se por filho de huma
tal Máy, Rey Grande,
que grande Rey não se-
rá por filho de hum tal
Pay, como foy o nosso
faudozo sempre, e sem-
pre digno de eterna me-
moria o Senhor Rey D.
João o quinto. Por aqui
acabaremos de ver agora
o como o nosso reynante
Monarca por filho de
hum tal Pay, he hum
Rey com attributos de
Deos, ou assim como
Deos quando he Rey, va-
mos ao nosso Cantico do
Te Deum laudamus;
vay Santo Ambrosio, e
Santo Augustinho con-
tinuando o seu, e nosso
Cantico, e depois de

acclamarem nelle a Chris-
to por Rey, *Tu Rex glo-
rie. Christe*: accrelcen-
taõ logo, que este Rey
Christo he Filho de seu
Eterno Pay: *Tu Patris
sempiternus es Filius?*
E que quer dizer chamar
aqui a Christo Filho do
Eterno Pay, depois de
o terem acclamado por
Rey? *Tu Rex glorie
Christe, Tu Patris
sempiternus es Filius.*
Quer dizer, que seus
filhos Reys participaõ
em tudo das excellen-
cias dos Reys seus Paes,
Christo, que he Filho
do Eterno Pay, ha de
ser hum Rey, assim co-
mo Deos, quando he
Rey: na nobreza da Pes-
soa, o mais illustre, pois
he por natureza Divino,
e assim em tudo o mais,
mayor q̃ todos os Reys
do mundo; porque em
fim sendo Rey, he jun-
tamête Deos. Deos Pay,
assim he que he Rey; e
Christo, como Filho de
tal Pay, he hum Rey,
assim

assim como Deos. *Tu Patris sempiternus es Filius; tu Rex gloriae Christe.*

E de que Rey melhor, do que do nosso reynante Monarca, se pode dizer, no modo em que se pode: *Tu Patris es Filius*: vós Senhor sois filho de vosso Pay. Sois filho do Senhor Rey D. Joaõ o V. ou o Grande de Portugal. Grande Rey, que foy pela nobreza da sua Pessoa; porque do Real tronco da Caza de Bragança, das mais Illustres, e Regias de toda a Europa. Grande Rey pelo magnanimo do coração: grande Rey pelo magnifico das obras, e Rey muito grande pelo piedozo do Espirito. E se taõ grande Rey foy o Pay do nosso Augusto Monarca, acclamado temos ao nosso Monarca Augusto por hum Rey muito grande, como filho de tal Pay: *Tu*

Patris es Filius; Tu Rex: o Pay, o grande Rey, o Senhor D. Joaõ o V. o filho hum Rey grande, o Senhor Dom Jozè I. Mas valhame o Ceo, que aqui parece-me vay fugindo o lume dos olhos, quando considerando ao nosso Monarcha Reynante, como Rey filho de taes Pays, me lembra, que este filho Rey, he Jozè. Ora notem.

Jozè quer dizer o que cresce, e naõ só o que cresce huma vez, se naõ, o que muitas vezes cresce, o que sempre vai em augmento: *Filius accrescens Joseph; filius accrescens: Joseph augmentum*: dizia o velho Jacob, quando por despedidas desta vida lançava a bençaõ ao seu Jozé; e he de notar, que quando Jacob prometia a Jozè estes augmentos, já Jozè estava acclamado, ou ao menos declarado Rey de seus irmãos:

B

Num-

Numquid Rex noster eris? Do Pay Jacob, que era o tronco do Reyno de Israel, veyo a Jozè seu filho, quando já acclamado Rey, tanta grandeza. Deixemos aqui a Jozé filho de Jacob, e vamos com Jozé filho de Joaõ. Por grande, e muitas vezes grande podemos acclamar ao nosso reynante Monarca, não só como Jozé que he, mas como filho de taes Paes. Grande huma vez por vir da Caza de Austria, e por filho de huma Rainha tambem grande, como a que he neta de Emperador, filha de Emperador, e irmã de Emperadores. Neta do Grande Emperador Fernando; filha do Grande Emperador Leopoldo, e Irmã de dous Emperadores tambem Grandes, Jozé Ignacio, e Carlos VI. Grande outra vez o nosso reynante Monarca, por filho de hum Rey Grande, o Senhor

D. Joaõ o V. Grande pela sua Pessoa, e pelo seu solar da Caza de Bragança. Rey grande o nosso Augusto Monarca, huma vez por filho de hũa tal Mãe: *Filius accrescens*; Grande Rey outra vez por filho de hum tal Pay: *Filius accrescens*; e Rey Grande muitas vezes em si mesmo, como esta prometendo a singularidade taõ bem grande do seu Augusto, e novo nome de Jozé: *Joseph accrescens*; *Joseph accrescens*, *Joseph augmentum*. E reparem bem, que se por filho de hums taes Pays, cresceo muyto o nosso Monarca *Filius accrescens*; *filius accrescens*; com tudo o termo ultimado da tua grandeza, o tem elle em si proprio, que he o ser augmento de si mesmo, como Jozé que he: *Joseph augmentum*; *Tu Rex, Tu Patris es filius*.

Da grandeza da Pessoa se segue a das obras, ou acções; e tambem por estas temos em o nosso reynante Monarca hum Rey muito grande; hum Rey com attributos de Deos, ou assim como Deos, quando he Rey, magnanimo, magnifico, liberal, piedozo, e ajustado. Tudo isto tem Deos, quando he Rey, e isto tudo tem mostrado já ter o nosso Monarca por participação de Deos. A da Pessoa mostra-o grande em si mesmo, a das acções mostra-o grande em ordem aos seus vassallos. E certamente, que nesta parte podemos ter a consolação, de que nos deu Deos hum Monarca, e hum Rey em tudo grande. Grande no magnanimo com que decorou com muitos titulos de Condes, Duques, e Marquezes aos Grandes tambem do seu Reyno. Grande no ma-

gnifico, com que fez celebrar as mayores funções da sua Corte, assim Reaes, como Divinas. Grande no liberal com que mandou pagar aos seus Militares, gastando nisto, como se diz, dous milhoens, e muitos centos de mil cruzados. Grande no piedozo, com que, para refarcir a tardança no pagamento dos mesmos Militares, dizem tambem mandara dar-lhes, como de juros, quatro mezes mais: nos donativos, que mandou aliviar aos Povos das suas conquistas, e nas mesmas, as novas pragmatias sobre o ouro das Minas, e assucares do Brazil. Ajustado finalmente, ou temente a Deos, como quem com os olhos no mesmo Senhor, dezejando acertar em tudo, escolheu para Conselheiros, Ministros, e Prezidentes mayores dos seus Tribunaes,

naes, os fugeitos também da mayor Jerarchia, assim na qualidade do sangue, como na intelligencia dos negocios; os mais entendidos no governo politico, e os mais amantes do bem commum. Grande excellencia do nosso Rey! Mas por isso mesmo hum Rey grande, hum Rey assim como Deos, quando he Rey. Rey como Deos, que he, temos hoje acclamado a Christo em o nosso Cântico do *Te Deum laudamus: Tu Rex gloriæ Christe. Tu Patris sempiternus es Filius*: E porque, hade ser Christo acclamado aqui por Rey, assim como Deos o he? A'lem das razões q' já demos, huma, e a principal he o verse Deos, ou Christo, quando Rey acclamado como Deos, com Cherubins, e Serafins a seus lados, os quaes não só lhe fazem assistencia, mas também lhe estão dando aos ouvidos

continuamente vozes: *Tibi Cherubim, & Seraphim incessabili voce proclamant*. Os Serafins são intelligencias amantes, os Cherubins são espiritos entendidos, e hũa vez, que Christo, quando Rey acclamado tem a seus lados por Ministros, e assistentes, hũas taes intelligencias, todas Seraficas no amor, e Cherubicas todas no entêder, hade ser hum Rey grãde, assim como Deos, quando he Rey: *Tu Rex gloriæ Christe: Tu Patris sempiternus es Filius: Tibi Cherubim & Seraphim incessabili voce proclamant*.

Christo em quanto Rey, e em quanto Deos, não necessitava para os acertos entêdidos do seu governo, nem para o tratamêto amorozo de seus vassallos, de intelligencias superiores, que lhe assistissem; porque he por natureza, como Divino, summamente sabio, e sabiamente amorozo;

rozo; mas foi assim, para deixar aos Reys, e Monarcas, hum vivo exemplar do que haviaõ de fer; q̃ para serem Reys, assim como Deos quando o he, haviaõ ter a seus lados por Ministros, e assistentes de jerarchia superior. Os mais amantes do bem cõmum, e os mais inteligētes na practica do governo. Naõ necessitava o nosso reynãte Monarca de outras intelligēcias a seu lado, porq̃ a experiēcia o tinha feito o mais inteligēte dos negocios do Reyno; e as acçoens o tinhaõ mostrado em extremo amante de seus vassallos; mas quiz pôr a seus lados por Ministros; e assistentes, humas taes intelligencias, para mostrar assim, era hũ Rey tal hũ Rey grande, hũ Rey assim como Deos quando he Rey. *Tu Rex. Tibi Cherubim & Seraphim.*

Atè qui temos visto o que he o nosso novo, e reynãte Monarca. Grande em si, e grande para os seus. Grande em si, pela sua Pessoa, pela sua ascendencia, e pelas suas acçoens: e grande para os seus; porq̃ nelle tem os seus vassallos, hũ Principe benigno, hum Rey magnanimo, hũ Monarca magnifico, e hum Senhor em tudo grande. Atègora fallamos doq̃ he de presente o nosso Monarca; agora diremos o que hade ser de futuro. Dissemos já o que he pela Pessoa, e acçoens, agora diremos o que hade ser pelo nome, que he Jozè: e por aqui veremos juntamente as glorias mayores para Portugal, e para Jozè tambem as suas mayores glorias. Vejamos as de Jozè, que ellas nos mostraraõ, quaes hajaõ de ser as de Portugal. Veremos as mayores glorias de Jozè, porque em Jozè veremos hum Rey o mais glorioso de todos

todos; quantos tem ti- Lua, e estrellas, que
 do o Reyno de Portu- já via postrados a seus
 gal, e ainda o mundo pés, se julgava Rey de
 todo. Porque se hoje o Reys, e Senhor de Se-
 temos acclamado hum nhores, porque se so-
 Rey assim como Deos, nhava adorado Rey de
 quando he Rey: assim seu Pay, Mãy, e Ir-
 como Deos quando he mãos. *Vidi per somnium,*
 Rey, he Rey de Reys, *quasi solem, & lunam,*
 e Senhor de Senhores, *& stellas undecim ado-*
 Senhor de Senhores, e *rare me: Numquid Rex*
 Rey de Reys; havemos *noster eris? Nuntiate*
 ver tambem ao nosso Jo- *Patri meo gloriam meã.*
 zè. E donde ha de ser Esta daquelle Jozé foi
 Jozé Rey de Reys, e toda a sua gloria lá no
 Senhor de Senhores? Sa- Reyno de Israel; e não
 bem donde? Em Portu- he menos q̄ esta a do nos-
 gal, e fóra de Portugal. so Jozé, e esta a tem elle
 Em Portugal já o temos no Reyno de Portugal; e
 visto, Senhor dos Se- fóra de Portugal, qual ha
 nhores Grandes de Por- de ser esta gloria? Hade
 tugal, e Rey adorado ser, que depois de rey-
 de Infantes, Principes, nar gloriosamente em
 e Pessoas Reaes, e da- Portugal, hade Reynar
 quellas duas Magestades, em todo o mundo, porq̄
 que elle adora tambem, para o nosso reynante
 huma como Esposa, ou Monarca o Senhor D. Jo-
 tra como Mãy. E não zé I. está guardada a-
 he grande gloria esta pa- quella promessa, por lhe
 ra Jozè? De outra qua- não chamar Profecia, q̄
 zi como esta, se gloria- diz q̄ de Portugal, e dos
 va muito aquelle outro seus Principes hade sahir
 Jozé, quando do Sol, aquelle Grande Rey, que
 hade

hade ser Monarca do Mundo todo, e Emperador do ultimo, e quinto Imperio de Christo, fundada esta Promessa na palavra, que deu o mesmo Christo ao nosso primeyro Rey Dom Afonso Henriquez, de que nelle, e nos seus descendentes quera fundar o seu Imperio, que he este quinto, que hade occupar todo o Mundo: *Volo in te & in semine tuo Imperium mihi stabilire, ut feratur nomen meum ad exterarum gentes.*

Isto dizem as profecias do Reyno de Portugal. E quem nos hade dizer agora, que este Rey, que hade sahir de Portugal para dominar o Mundo todo, e ser Rey de Reys, e Senhor dos Senhores de todo o Mundo, hade ser o nosso Monarca, e Rey novamente acclamado? Isto com licença dos Sebastianistas, ou sem ella, o direy eu. E para que vejaõ a razãõ, com que o

digo, ouçaõ o v. 6. do nosso cantico do *Te Deum Laudamus*; mysteriozo certamente para hoje. *Pleni sunt caeli, & terra, majestatis gloriae tuae.* Todo o Ceo, e a terra toda esta cheia da gloria da vossa Magestade. Ou para o dizermos melhor: grande gloria he a vossa; porque, a vossa Magestade encheu o Ceo, e tambem a terra; fostes Rey de todo o Mundo cá na terra, e tambem o fostes lá no Ceo. *Pleni sunt caeli, & terra majestatis gloriae tuae.* De Christo Rey, assim como Deos quando he Rey, sabemos ja fallaõ aqui Santo Ambrosio, e S. Augustinho. E para tirar-mos agora daqui o que nos hade servir para o nosso Monarca, devemos saber, que Christo em quanto Rey, assim como Deos, teve dous Reynos, hum espiritual, outro temporal, hum na terra, outro no Ceo; o da

o da terra foi o Reyno de Israel, chamado tambem Reyno de Christo; e o do Ceo, que he o da Gloria. Tambem he certo, que do Reyno do Ceo tomou Christo posse, e está reynando nelle gloriozamente. E por esta parte se cumpriu em Christo a primeyra parte do nosso verso: *Pleni sunt cæli majestatis gloriæ tuæ.* Mas pela outra parte, que toca ao Reyno temporal, tambem he sem duvida, que se não cumpriu em Christo; porque Christo não reynou temporalmente na terra; e assim he consequencia, que se hade cumprir em outro. E como se hade cumprir em outro? em outro nenhum pôde ser melhor, do que em o nosso Augusto, e reynante Monarca; e a razão he evidente. Porque se este Monarca universal de todo o Mundo, hade sahir dos Principes de Portugal, e hade

ser hum Rey, assim como Deos quando he Rey; nenhum melhor, que o nosso Monarca o pôde ser, pois, o vemos já aclamado, por hum Rey assim como Deos quando he Rey; e he Rey, e Principe natural de Portugal. Ficando assim repartido o Imperio de Christo: o espiritual, e do Ceo para o mesmo Christo, em quãto Deos, e Rey da gloria; *Pleni sunt cæli majestatis gloriæ tuæ*, e o temporal, e da terra para o nosso Augusto, e reynante Monarca ser nella Emperador universal do quinto Imperio, e ter a grande gloria de ser Rey de Reys, e Senhor de Senhores de todo o Mundo: *Te Dominum confitemur*; cumprindo-se assim nelle a segunda parte do nosso verso: *Plena est terra majestatis gloriæ tuæ.*

Ainda não dissemos tudo; porque dizendo, que o nosso Reynante

Mo.

Monarca, hade ser Monarca universal do Mundo todo, por ser hum Principe de Portugal, e hum Rey assim como Deos, quando he Rey; não dissemos ainda, havia ser tudo isto pelo seu nome, que he Jozè. Agora o diremos, e outro Jozè nos dirà o como. Sonhou Jozè, que via a seus pés, o Sol, a alva, e as estrellas; e nisto entendo havia ser adorado como Rey, de seu Pay, sua Mãy, e de seus irmaõs; e como tal Rey de Reys, e Senhor de Senhores; e tudo isto sonhou Jozè no Reyno de seu Pay, que era o de Israel. E quereria dizer alguma couza mais este sonho de Jozè? queria dizer mais, e muito mais. Ora notem: No Sol estão significados todos os Principes, e Monarchas, que seguem as luzes da verdade, e rayos do Evangelho, e Fè de Christo, que he o verdadeyro Sol. Na Lua ef-

taõ symbolizados todos os Reys, que na noite obscurados erros, seguem outras leys, como Mouros, Turcos, e outros, de quem a Lua he a sua diviza. Nas Estrellas estão numerados todos os mais grandes, e senhores espalhados por todo o Mundo; huns, que seguem as sombras da Lua; outros as luzes do Sol; e todos estes Senhores, Reys, e Monarcas sonhou Jozè via prostrados a seus pés, e adorado de todos, como Rey de Reys, e Senhor de Senhores. E aazo cumprio-se em Jozè esta profecia? he sem duvida, que não; porque Jozè não só não dominou o Mundo todo, e nem ainda no proprio Egypto, donde logrou as suas estimações, se vio absolutamente Rey, e nem adorado de Rey algum. Que por isso, com muyta advertencia, ou energia, explica o texto estas grandezas de

C

Jozè,

Jozè, por hum *Quasi*,
Quasi Solem, & Lunam,
& stellas; que he termo,
 que quer dizer algũa
 cousa, mas não diz tudo.
 Porque na verdade, tudo
 isto de Jozè foi huma
 como semelhança hum
 como arremedo; foi fi-
 nalmente hum sonho, e
 foi hũa profecia: sonhou
 hum Jozè o que para
 outro Jozè estava profe-
 tizado. Sonhou hum
 Jozè no Reyno de Is-
 rael, o que no Reyno
 de Portugal se havia
 cumprir em outro Jozé.
 Sonhou Jozè filho de Ja-
 cob, o que em Jozè fi-
 lho de João havíamos
 ver; porque para o nosso
 reynante Monarca, pelo
 nome, que tem de Jozè,
 està guardado o ser Rey
 de Reys, e Senhor de
 Senhores do Mundo to-
 do, e nelle Emperador
 do quinto Imperio de
 Christo: *Volo in te, &*
in semine tuo Imperium
mibi stabilire. Plena
est terra majestatis glo-
riae tuae: Tu Rex: Te

Dominum confitemur.

Grande gloria para
 o nosso Augusto, e rey-
 nante Monarca, o ver-se
 adorado em todo o
 Mundo por Rey de
 Reys, e senhor de se-
 nhores: mas, que gloria
 não será para Portugal o
 ver-se hoje com hum tal
 Rey, como Jozè? Cer-
 tamente, que neste Jozè
 tem Portugal hum Rey,
 não só para feliz, e a-
 certadamente governar,
 e reger o seu povo, e
 vassallos; mas, hum
 Rey para os engrande-
 cer, e exaltar, eterna-
 mente, ou por todo o
 Mundo; como vay con-
 cluindo o nosso cantico.
Et rege eos, & extolle
illos usque in æternum,
 porque assim o está pro-
 mettendo tambem o Au-
 gusto, e novo nome do
 nosso Monarca. Jozè
 quer dizer augmentos,
 e mais augmentos: *Jo-*
seph accrescens, Joseph
acrescens, Joseph aug-
mentum. E serão taes os
 augmêtos em Portugal,
 com

com este Jozè por Rey ,
 q̃ o Rey Jozè serà exal-
 tado sem duvida a Em-
 perador ; e o Reyno
 de Portugal certamente
 levãtado a Imperio: *Im-*
perium mihi. Assim o el-
 pero , senhor , da vossa
 Divina palavra; e o con-
 fiamos todos da vossa
 grande misericordia ;
 para confuzãõ dos ini-
 migos da Fè ; para in-
 veja das Naçoens, e

Reynos estranhos ; e
 para gloria eterna dos
 vossos Portuguezes ; co-
 mo o está concluindo
 hoje o vosso notavel can-
 tico do *Te Deum lau-*
damus : Fiat misericor-
dia tua Domine super
nos, quemadmodum spe-
ravimus in te: In te Do-
mine speravi, non con-
fundar in æternum. A-
 men.



com esse Jesus por Rey
de o Rey Jesus Rey
lado de o Rey Jesus
perder de o Rey
de Portugal e de
levado a legacao
parava a vida
pero, senhor, de
Divina providencia
famos todos de
grande misericordia
para conque das
migos de se para
veja das Nacoes



de o Rey Jesus
lado de o Rey
perder de o Rey
de Portugal e de
levado a legacao
parava a vida
pero, senhor, de
Divina providencia
famos todos de
grande misericordia
para conque das
migos de se para
veja das Nacoes

129
6

PRATICAS

EM A NOVENA DO GLORIOSO

Patriarca o Senhor

SAO JOZE

Em o Convento de Santo Antonio do
Reciffe no anno de 1751.

Assistio a toda a Novena, e Sermaõ do dia

O ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO SENHOR

LUIS JOZE' CORREA DE SA'

Governador de Pernambuco.

PELO PADRE PREGADOR

Fr. ANTONIO DE SANTA MARIA

JOBOTAM, &c.

PRÁTICAS

EM A NOVENA DO GLORIOSO

SANTISSIMO SENHOR

SÃO JOZÉ

EM O CONVENTO DE SÃO ANTONIO DO
RACIÃO DO ANNO DE 1751

ASSISTENTE A NOSTRA SEXTA DE SÃO

EXCELENTISSIMO SENHOR

LUIS JOZÉ CORREIA DE SA

GONCALVES DE SA

PELO PAI REFRAGAR

M. ANTONIO DE SA

JOBOATA M. DE



PRÁTICA I.

JOSEPH FILI DAVID.

Math. cap. i. v.

Quem não dirá (Excelentissimo Senhor) quem não dirá, que he o Glorioso Patriarca o Senhor São Jozè hum Santo muito da estimação da Excellencia mayor lá desse Ceo, e hum Santo muyto do coração da melhor Excellencia desta terra, vendo, que não só a Excellencia melhor desta terra, mas a mayor Excellencia lá do Ceo o vem a buscar a sua caza para o honrarem, e engrandecerem naquelas duas solemnidades

grandes, que primeiro se confagraraõ ao seu Patrocinio; huma, e a primeira lá no portal de Bellem; a segunda, e a outra aqui nesta caza.

A mayor Excellencia do Ceo, que he Christo, veyo authorizar com a sua assistencia o poder do Pay adoptivo, que teve na terra, quando exposto em seus braços a primeira vez no portal de Bellem, se poz todo debaixo do seu amparo, e patrocinio. A melhor Excellencia desta terra, que he V. Excellencia, vem authorizar com a sua assisten-

sistência o poder do Protetor adoptado, que tem no Ceo, quando nesta eaza vem conflagrar ao Senhor S. Jozè estes novos obsequios ao seu Patrocínio. Grande fineza a da mayor Excellencia do Ceo; mas grande piedade a da Excellencia melhor desta terra. Tudo deviamos crer de hum Excellentissimo Senhor, que como Christo favorece a todos: tudo deviamos esperar de hum Senhor, que como V. Excellencia do Patrocínio de S. Jozè confia tudo.

Este he aquelle grande Santo, e Glorioso Patriarca, que depois que pelas suas singulares virtudes foi escolhido por Deos para Espozo verdadeiro, e legitimo de sua Santissima Mãe, e Pay putativo de seu Unigenito Filho, foi deputado taõbem pela excellencia do seu admiravel Patrocínio para Pay, e Patraõ

universal de todos os homens: *Suscitavit Dominus Sanctum Josephum ad honorem nominis sui caput, & Patronum peculiarem Imperii militantis Ecclesiae*; disse o Solano; e o P. Moraes diz: *Quis dubitare potest Sanctum Joseph omnium nostrum esse Patrem*. E sendo o Patrocínio deste glorioso São o mais efficaz, e poderoso geralmente para todos, para aquelles, que com especial devoção, cordial affecto, e amor filial o sabem honrar, e servir, ainda he mais poderoso, e efficaz.

E ninguem nos hade tambem negar, que entre todos os devotos, e particulares filhos deste Santo admiravel he Sua Excellencia o seu filho mais particular, e seu mayor devoto; pois a instancia sua se offercem ao seu Patrocínio, nestas tardes, novos obsequios. Novos digo.

digo, não, porque se-
ja esta a primeira vez,
que aqui se lhe offere-
cem; porque ja o anno
passado tiveraõ princi-
pio por direcção de ou-
tro filho, e tambem
particular devoto deste
Santo Patriarca, o nos-
so muito Reverendo
Prelado actual; mas no-
vos; porque novamen-
te augmentados com es-
tas práticas, e oraçoens
panegyricas; para que
assim se faça mais noto-
rio o cordeal amor deste
Excelente filho, e o
Patrocínio sempre gran-
de deste Pay taõ Excel-
lente.

Para aplaudir-mos
pois, o Patrocínio do
Senhor Saõ Jozè; ou pa-
ra mostrar-mos o que he
o Senhor Saõ Jozè pelo
seu Patrocínio, não me
deo muito cuidado qual
havia de ser o assumpto,
nem o thema; porque o
thema, tanto que se me
encarregou este traba-
lho, logo assentei comi-
go, havia ser para cada

huma das tardes hum
texto da Sagrada Escri-
tura, em que se achaf-
se escrito expressamente
o nome *Jozè*, deste
Santo Patriarca, e o as-
sumpto, mostrar por
elle alguma excellencia
do seu Patrocínio. Qua-
torze vezes contadas se
acha escrito no testa-
mento novo o nome do
Senhor Saõ Jozé, e ti-
radas destas, quatro,
em que se repete ao mes-
mo intento, ficaõ dez,
nas quaes se nomea a di-
verso sentido, e estas
dez vezes, em que se
fala neste augusto nome,
foraõ, as que escolhi
para elogiar com ellas,
ou por ellas o seu Patro-
cínio; nove para as no-
ve tardes, e a decima,
e ultima para o dia da
sua festa.

Destas nove me to-
caõ trez, e para ellas ha-
de ser o assumpto mos-
trar, que está o Senhor
Saõ Jozè obrigado a não
faltar nunca com o seu
Patrocínio aos seus de-

D

votos

votos pela Pessoa que he , pelo Nome , que tem , e pelas virtudes de que se adorna. Pela Pessoa , que he , isto dirá nesta primeira practica , o texto que nos serve de thema: *Joseph fili David.* Pelo nome que tem , que he Jozè , isto dirão as palavras seguintes: *Viro , cui nomen erat Joseph ;* e pelas virtudes de que se adorna , como o mostrarão as outras palavras: *Joseph autem cum esset justus.*

Para as outras seis tardes mostrará o Orador , que lhe tocar , na primeira , o Patrocinio do Senhor Saõ Jozè o mais poderoso por Espozo de Maria , conforme as palavras , que para esse dia occorrem: *Cum esset desponsata mater Jesu Maria Joseph.* Na segunda mostrará o Patrocinio do Senhor Saõ Jozè taõ poderoso , que póde patrocinat aquella Senho-

ra , que a todos patrocinna , a Maria Santissima ; para isso lhe darão fundamento as palavras , que entãõ se seguem: *Exurgens autem Joseph accepit conjugem suam:* Na terceira mostrará o Patrocinio do Senhor Saõ Jozè o mais poderoso por Pay de Christo: isto lhe dirão aquellas palavras: *Nonne hic est filius Joseph* Na quarta mostrará , que foi taõ poderoso o seu patrocinio , que chegou a patrocinat ao mesmo Jesus: estas palavras o poderaõ dizer: *Angelus Domini apparuit in somnis Joseph dicens ... accipe puerum.* Na quinta mostrará o Patrocinio do Senhor Saõ Jozè taõ poderoso , que ainda o he mais , que o de Jesus , e Maria , em quanto Espoza esta , e aquelle filho ; assim o poderá tirar das palavras seguintes: *Invenierunt Mariam , & Joseph , & Infantem.*

Na

Na ultima mostrarà, como por consequencia de tudo, o Patrocínio do Senhor São Jozè mais poderoso, que o de todos os mais Santos, deduzindo-o assim destas seguintes palavras: *Ascendens autem Jofeph à Galilea.* A empreza he difficultosa; mas tudo poderemos vencer com o grande Patrocínio de hum Santo, que como Jozè pode tudo. Vamos com a primeira.

Funda-se a primeira razão, que tem o Senhor São Jozè para affittir sempre com o seu Patrocínio aos seus devotos pela Pessoa que he. Mas, que he o Senhor São Jozè pela sua Pessoa? Jozè, diz João Gerson seu grande devoto, foi a Pessoa mais illustre, mais nobre, e mais excellente, que nasceo entre os que puramente nasceraõ: *Fuit Jofeph vir dignior, & nobilior inter omnes homines, qui nati sunt ex stirpe*

Adam. Fallou Gerson, não só como devoto, mas como quem sabia: era Jozè hum Augusto descendente dos Augustos Reys de Judá, e que o sangue lhe pulava nas veas; primeiro correo pelas de muitos Reys, Principes, Patriarcas, Profetas, Sacerdotes, e Juizes dos Povos, que primeiro estabeleceraõ, e foraõ os fundamentos primeiros da sua Caza Real. Nas palavras do noõo thema temos a melhor expressaõ desta verdade: *Jofeph fili David.* Querem dizer, que Jozè he filho de David. E quem foi David? David foi não só Rey: *David autem Rex;* mas o mais famozo Rey, e hum dos mais illustres, e excellentes, que sahio ao mundo da Real Caza de David. Pois se David he Rey, e Jozè he filho de David, que se segue? Que? Que he Jozè huma Pessoa Real; pois pessoas Reaes saõ

todos aquelles, que tiverem a fortuna de serem filhos de Reys. Logo, se Jozé he huma Pessoa taõ nobre, taõ illustre, e taõ excellente, claro está, que tem obrigação de naõ faltar nunca com o seu Patrocinio pela Pessoa, que he. Sabido he o cazo de Mardocheo, e Aman, Esther, e Assuero.

Condenado a pena de morte por hum decreto subreptico do impio Aman, estava Mardocheo, e todo o Povo Hebreo; chegaraõ aos ouvidos de Esther os clamores do Povo, e movida de piedade, e compaixaõ, sem reparar nos decretos de Assuero, que prohibiaõ com pena de morte, até a mesma Rainha, o entrar na sua Camera Real sem licença sua, entra Esther, pede, roga, insta, e finalmente alcança de Assuero hum perdaõ geral para todo o Povo: *Dona mibi a-*

nimam meam pro qua oro, & populum meum pro quo obsecro. E por que ha de obrar Esther semelhante acçaõ? Por que era Esther huma tal Pessoa. Era huma Pessoa Real, huma Pessoa illustre, e excellente, e entendeo, que pela Pessoa, que era, estava obrigada a proteger, e amparar com o seu patrocínio a Mardocheo, e a todo aquelle povo, que afflito, e desamparado recorria á sua piedade: *Dona animam meam pro qua oro, & populum meum pro quo obsecro.*

Com esta forçosa obrigação nasceo ao mundo o Senhor Saõ Jozè pela sua Pessoa. Nasceo huma Pessoa nobre, illustre, e excellente. E para que? Para soccorrer, e amparar a todos aquelles, que afflitos, e desamparados, como Mardocheo recorressem ao seu patrocínio. O Patrocínio diz

o sabio he huma virtude propria, e natural das Pelloas grandes, e soberanas: *Corona inclyta proteget te*; e quanto mais soberana, e illustre for a Pessoa, mais seguro se hade achar nella o seu patrocínio. Por isso adverte o mesmo sabio, que para o patrocínio ser o mais seguro se hade recorrer ao soberano, que for mais illustre, que isto he o que diz aquelle *Inclito*, junto aquella *Coroa*; *Corona inclyta proteget te*. E a razão a dá o Profeta Itaias, quando diz, que os mais soberanos, e os mais illustres, fazem mais apreço da gloria de proteger, e amparar, do que de outra qualquer gloria. Nem as riquezas, nem os Imperios, nem outra alguma couza do mundo, he de tanta gloria para hum soberano., e illustre, como a gloria de dar a hum necessitado o seu patrocínio: *Super om-*

nem enim gloriam protectio.

Da qui vem, que entre todas as graças, e beneficios, que recebemos dos grandes, e soberanos, sempre teve o primeiro lugar o seu patrocínio, tanto para quem o recebe, como para elles. Para elles; porque os grandes, e soberanos sempre fizeram mais apreço de dar o seu patrocínio, do que de repartirem as suas riquezas. O animo generoso, e Real de David quando quiz remunerar a Berzellay a fineza de deixar o partido de Absalaõ, e seguir a parte de David, não abriu os seus thesouros para o enriquecer, tirou dos hombros o seu manto real para o cobrir: não lhe deo do seu ouro, nem da sua prata, tomou-o de baixo do seu patrocínio: *Veni mecum, & sta securus, mecum in Jerusalem*. Antepoz a lombra do seu solio às luzes

luzes do seu ouro. Julgou mais ventajoso para Berzelay o seu patrocinio, do que as suas riquezas. E certamente que sim; porque hum soberano não dá tanto nas suas riquezas, quanto dá no seu patrocinio. E quem recebe, sempre recebe mais no patrocinio, do que pode receber nas riquezas. Nas riquezas receberia huma só graça, e huma só vez; e no seu patrocinio, ficaria habilitado para todas as graças, e para qualquer occasião. E assim muito seria a hum grande o fazer a hum pobre rico; porem o tomalo debaixo do seu patrocinio, ainda seria muito mais. Em fim hum soberano quando dá as suas riquezas, empenha os seus thesouros, quando patrocina, empenha a sua Pessoa: quando dá, dá o seu; quando patrocina, dá-se a si, e muito mais he dar-se a si, do que dar

o seu: assim exorna o Cardeal Hugo aquella *Corona inclyta proteget te*, do sabio: *Se ipso proteget te*, diz Hugo.

Se o patrocinio pois he huma virtude propria de soberanos, e quanto mais soberano, mais obrigado está a dar nos o seu patrocinio, claro está, que nunca nos hade faltar com o seu patrocinio o Senhor São Jozè, pela obrigação da sua soberania, ou pela soberania da sua Pessoa. Se o Senhor São Jozè não fora a Pessoa, que he, poderia ser, que alguma vez faltasse a esta obrigação; mas o Senhor São Jozè he huma tal Pessoa, que por isso mesmo, que he tal, não só nos hade faltar com o seu patrocinio, mas ainda no-lo hade dar muito mais apresado, do que nós lho pedirmos, se lho chegarmos a pedir como a tal Pessoa.

Recorreu a Christo
na

na Cruz pelo seu patrocínio aquelle venturoso ladraõ chamado Dimas: *Domine memento mei*, e he muito para notar assim a petição de Dimas, como o despacho de Christo. Dimas pedia a Christo o seu patrocínio lá para muito depois, quando Christo se achasse ja de assento no seu Reyno: *Dum veneris in Regnum tuum*: e Christo sem esperar mais tempo, lho deo logo naquelle mesmo dia: *Hodie mecum eris in Paradiso*. E pois como assim? Determina o ladraõ tempo para receber de Christo o seu patrocínio, e Christo dalhe o patrocínio, e ainda antes de chegar esse tempo? Sim, e porque? Porque o ladraõ não só pediu o que queria, mas acertou no modo com que o pediu. Pedio a Christo o seu patrocínio, e lembrou-lhe, que lho pedia como a tal Pessoa, como a Rey, como a so-

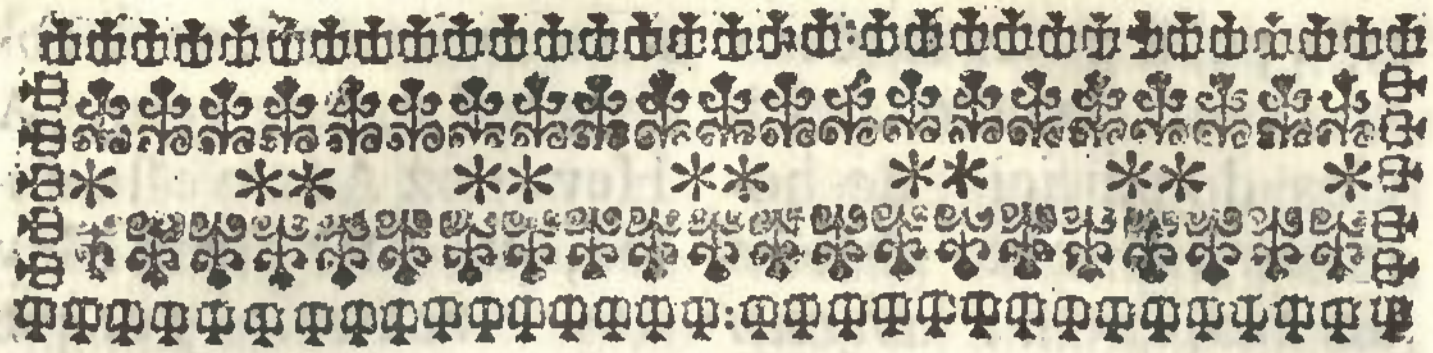
berano, e como a senhor, que tudo isso dizem as suas palavras: *Domine memento mei dum veneris in regnum tuum*. E como Christo entendeu, que Dimas não só lhe pedia o seu patrocínio, mas, que, quando lho pedia, lhe lembrava a Pessoa, que era; achou, que como tal Pessoa, estava obrigado a darlhe o patrocínio, que lhe pedia, e darlhe logo: *Hodie mecum eris in Paradiso*.

Com os devotos do Senhor São Jozè falo agora. Quereis, que o Senhor São Jozè vos acuda com o seu patrocínio, e que seja logo, e muito mais apressado ainda do que vos quereis; pois pedi ao Senhor São Jozè o seu patrocínio, e pedi-lho pela Pessoa, que he; lembrai-lhe que he hũa tal Pessoa, humã Pessoa a mais illustre, a mais excellente, e a mais seberana; lembrai-lhe que he filho de David:

vid: *Joseph fili David*.
 Agora entendo eu a
 razão ; porque quando
 o Anjo falou ao Senhor
 São Jozè , para que não
 faltasse com o seu patro-
 cinio a sua Santissima
 Esposa Maria Santissi-
 ma na resolução , que
 tomava de a querer dei-
 xar : *Voluit occultè de-
 mittere eam* : Uzou des-
 tes mesmos termos: *Jo-
 seph fili David* : como
 quem dizia , olá Jozè ,
 que quereis fazer ? Que-
 reis deixar ao desampa-
 ro a vossa Esposa ? Que-
 reis faltar a Maria com
 o vosso Patrocínio ? Ve-
 de lá o que fazeis : Lem-
 braivos , que sois filho
 de David , e huma tal
 Pessoa como vós , não
 pode faltar com o seu
 patrocínio. O Anjo as-
 sim o advertio , e assim
 o executou o Senhor S.
 Jozè.

E este he tambem
 o fruto , que todos assim
 grandes , como pique-

nos devemos tirar desta
 doutrina , que ainda que
 taõ politica , he muito
 catholica. Os piquenos,
 e os necessitados recor-
 raõ confiadamente aos
 grandes , e soberanos ,
 que nelles , pela Pessoa,
 que saõ , haõ de achar
 seguro o seu patrocínio,
 e amparo , e os sobera-
 nos , e grandes , lem-
 brem-se , que por isso
 mesmo , que saõ taes
 Pessoas , estaõ obriga-
 dos a não faltar com o
 seu amparo , e patrocí-
 nio. E por esta mesma
 razão , assim grandes ,
 como piquenos , recor-
 ramos seguramente ao
 Senhor São Jozè pelo
 seu Patrocínio, porq̃ nos
 não pode faltar com elle
 por quem he ; nesta vi-
 da , para conseguirmos
 muitos bens da fortuna,
 e da graça , em a outra
 o summo bem de todos,
 que he a Bemaventuran-
 ça. Amen.



PRATICA II.

VIRO, CUI NOMEN ERAT JOSEPH
Luc. I. 27.

SE os nomes mais augustos forão sempre huns como attributos das PESSOAS mais excellentes (Excellentissimo Senhor) se os nomes mais augustos forão sempre huns como attributos das PESSOAS mais excellentes , depois de vermos aqui no primeiro dia o que foi o Senhor Saõ Jozè , em ordem ao seu Patrocínio pela excellencia da sua Pessoa , o que se segue hoje he mostrar o que he pelo augusto do seu Nome. Deforte que se ja vimos o como estava obrigado

o Senhor Saõ Jozè a naõ faltar com o seu Patrocínio aos seus devotos , pela Pessoa que he , agora veremos o como tem esta mesma obrigação pelo nome , que tem , que he Jozè : *Cui nomen erat Joseph.* E porque para ponderar-mos como se deve as excellencias de hum nome taõ especioso , taõ suave , e sempre augusto , seria pouco ainda muito tempo , e o que se permite para huma pratica naõ he muito , começemos. Saõ os nomes , diz S. Isidoro , huns como indices , titulos , ou notas ,

E tas ,

tas; pelas quaes se lê nas margens, ou si ontelpicios do edificio do homem, o que enferra dentro em si: *Nomen dictum est quasi notamen, quod nobis vocabulo suo res notas efficiat.* E os Filósofos ensinãõ, que os nomes explicãõ as essencias das couzas. Por isso adverte São Joãõ Chrysostomo, que se não ponha nome a couza alguma, sem juizo certo das suas propriedades, e o mesmo escreve Santo Thomaz: *Nomina debent proprietatibus rerum respondere.* Atè os Poetas o cantãõ assim.

Conveniunt rebus nomina sæpe suis.

Na Sagrada Escritura temos a melhor expressãõ desta verdade. A todos os viventes poz Adãõ o nome, e neste nome, q̃ lhe pos, achou cada hum huma rigurosa definiçaõ da sua natureza, e propriedades della: *Omne, quod vocavit A-*

dam animæ viventis ipsum est nomen ejus. A Heva poz Adam este nome, que quer dizer Mãy dos viventes; porque assim o havia de ser. *Appellavit nomen ejus Heva, quod esset mater viventium.* O filho de Seth, e neto do mesmo Adam chamou-se Enos, que quer dizer, o que invoca a Deos; porque foi Enos o primeiro, que invocou o nome do Senhor: *Enos, ipse cepit invocare nomen Domini.* A Moysés puzeraõ os Egypcios este nome, que significa, o que foi tirado das aguas; porque das correntes do Rio Nilo tiraõ os Egypcios a Moyses: *Moyfes, idest, ab aquis eductus:* O Suavissimo nome de Maria, diz Santo Ambrozio, em si mesmo está inculcando, que esta Purissima Virgem foi escolhida para Mãy de Deos: *Maria significat Deus ex genere meo:* O San-

to Nome de Emmanuel, que foi posto a Christo, por isso lhe foi posto, porque significa a inextimavel honra, que ao homem fez Deos, de se fazer, como elle, homem: *Emmanuel, nobiscum Deus.*

Esta foi a fraze da Escritura desde o principio do mundo até a vinda de Christo, aonde apenas se achará algum nome, que não seja expressivo da natureza, e propriedades do seu sujeito: pelo contrario poreo da vinda de Christo até o presente muito poucos se acharão, que o sujeito concorde com o nome. Antigamente os nomes não dizião mais, nem menos, do que os sujeitos eraõ em si, ou pelas acçoens, ou pela nobreza, e assim vemos lá muitos sujeitos, e muito famosos, e grandes, e com tudo com huns nomes bem piquenos, que quasi não passavaõ

de huma, ou duas sillabas, e com bem poucas letras algumas: como Adaõ, Abrahaõ, Isac, Jacob, David, Loth, Job &c. hoje não he assim; vemos huns nomes, que não só se formaõ de muitas letras, mas constaõ de muitas sillabas, e ainda se compoem de muitos nomes, e por isso estes nomes sempre dizem mais, do que he em si o seu sujeito. E querem saber agora, qual he a razãõ desta differença? A razãõ he; porque no outro tempo os homens não faziaõ os nomes para os tomarem, tomavaõ aquelles nomes, que lhes adquiriaõ, e punhaõ, ou as suas acçoens, ou a sua natureza: hoje não he assim; cada hum faz o nome, que quer tomar, ou pôr aos seus, e tomaõ os nomes, que querem, e assim fazem, ou compoem huns nomes muito grandes, e o sujeito às vezes he bem piqueno.

Sendo pois certo, que os nomes se puzeraõ sempre, e devem pôr como indices, e explicação das propriedades mais notaveis dos sujeitos, e sendo tambem certo, como affirma S. Bernardo, que este nome *Jozè* foi posto a este Santo Patriarca, para que por elle se conhecessem as suas mais especiaes excellencias: *Quis, & qualis homo fuerit beatus Joseph conjice ex appellatione, & proprio vocabulo*: Vamos ja a ver, que excellencia particular significa neste grande Santo o nome *Jozè*. Diz o Santo Doutor, que *Jozè* não significa, nem quer significar outra couza, mais que augmento, ou augmentado: *Ex proprio vocabulo, quod augmentum non dubites interpretari*. E seguiu nisto Santo Ambrozio a fraze da Escritura, que diz fallando do outro *Jozè* do Egypto, que

este nome he hum tal nome, que traz comsi-go a celestial benção de augmentar a quem o tem: *Filius accrescens Joseph filius accrescēs*: Mas, deixando agora os augmentos, que *Jozè* tirou para si do seu nome, vamos aos que deste nome *Jozè* podem tirar os seus devotos, que saõ nos q̄ nos pertencem hoje.

He o nome de *Jozè* taõ admiravel, que não só augmenta, a quem o tem, tambem augmenta, a quem o invoca, ou a quem elle patrocina: por q̄ patrocinar não he outra couza mais que augmentar, e a razãõ he evidente. Tendes esta, ou aquella necessidade, padeceis este, ou aquelle achaque, sentis esta, ou aquella falta de faude, falta-vos isto, ou aquillo, recorreis a este, ou aquelle Santo pelo seu patrocínio, alcançaes por elle o que pedis, e que he isto, se não ficardes

cardes com alguma couza mais do que tinheis, ou que não tinheis? e ficares assim augmentado, quando recebeis o seu patrocínio? E sendo isto graça commua em todos os Santos, em o Senhor São Jozè he attributo muito especial; porque no seu mesmo nome tem todos os augmentos, para quem patrocina. E esta he a differença, que vai tambem do patrocínio do Senhor São Jozè ao patrocínio dos mais Santos, porque nos mais, assim como lhe falta o nome de Jozè, assim faltaõ elles tambem muitas vezes com o seu patrocínio: porem o Senhor São Jozè não falta, nem pode faltar; porque no seu mesmo nome tem a razão para não faltar: tambem temos prova, e certamente de nome.

Quando os Egypcios, naquella grande fome, que padeceraõ por sete annos, e com

ella outras muitas necessidades, recorreraõ ao seu Rey Faraó para os remediar nella; diz o texto, que o que fez Faraó, foi, mandallos, recorressem a Jozè: *Ite ad Joseph*. Eu não reparo agora, em que Faraó mande ao seu povo recorrer a Jozè para a providencia daquella necessidade; porque ley, que Jozè era hum seu Ministro, e hum tal Ministro, que fazia em tudo as vezes do seu Rey, e aos seus Ministros costumaõ os Reys, e Principes mandar recorrer nas suas pertençaens aos seus vassallos: o que eu noto muito he; não dizer Faraó, ide ao Vice Rey, se não ide a Jozè: e a razão do reparo he evidente. Quando alguma Pessoa nobre occupa algum cargo grande no Reyno, ou Republica, não se costuma fallar nella Pessoa pelo nome, que tem, senão pelo cargo, que occupa

pa, e nós Principes, e Reys, como era Faraó, esta he a fraze do seu falar; quando mandaõ recorrer a algum Ministro seu, não dizem fallai a N. ou N. o que dizem he: Fallai ao Secretario, fallai ao Vice-Rey &c. Pois se esta he a pratica commua das Magestades, como perverte aqui a Magestade de Faraó esta pratica? Porque não disse ao seu povo, fallai ao meu Vice-Rey; senão fallai a Jozè: *Ite ad Joseph?*

A razão he; porque Faraó queria acudir àquella necessidade do seu povo, e queria que sem falta alguma fosse remediado; pois, que remedio? O mesmo, que elle buscou; mandar ao povo, que recorresse ao patrocínio daquelle homem, não pelo cargo, que occupava; mas sim pelo nome, que tinha: não como a seu Vice-Rey; mas como a Jozè, que era: *Ite ad*

Joseph: Porque entendo Faraó, que pelo nome, que tinha; porque era Jozè, estava obrigado a não faltar com o seu patrocínio: *Ite ad Joseph*. Boa doutrina se nós oferecia aqui para certos Ministros, que mais credito he para elles buscalos pelo lugar, que occupaõ, do que pelo nome, que tem: será talvez, porque nunca tiveraõ nome, antes que tivessem o cargo; mas o tempo não dá lugar, e nem estamos em lugar de Ministros, que necessitem desta doutrina: vamos ao nosso ponto.

Aquelle Jozè do Egypto foi figura do nosso Jozè, e se o figurado sempre sae com excessos a figura, porque nesta são só representações, o que nasce naquella realidades; vede que obrigação tão forçosa não terá o Senhor São Jozè pelo nome, que tem? quando pelo mesmo nome,

me, ainda em representa-
ção, a teve aquelle Jo-
zè taõ forçosa?

Assim está obriga-
do quem he Jozè a não
faltar com o seu patro-
cinio, e assim se faz tam-
bem o patrocínio do Se-
nhor São Jozè para nós
o mais seguro. Agora
entendo eu a razão; por-
que necessitando Chris-
to, e Sua Mãy Santissi-
ma de hum patrocínio o
mais seguro, para que
livrando os da tirania de
Herodes os puzesse em
salvo no Egypto, não
escolheo Deos para isso
algum Anjo, se não só
ao Senhor São Jozè. A
hum Anjo sabemos nós
encarregou Deos o acu-
dir a huma Mãy chama-
da Agar, e a hum seu fi-
lhinho por nome Is-
mael, que nos desertos
de Bersabee perenciaõ
à necessidade; o menino
morrendo de sede, e a
Mãy acabando por ver
o filho morrer. Pois se
para huma Mãy, e hum
filho, humas taes pes-

soas, que eraõ escravas
de Abraham, teve Deos
Anjos para os amparar,
como não tem agora
hum Anjo para prote-
ger a hum tal filho co-
mo Christo, e a huma
Mãy tal como Maria?
Diremos, que foy por-
que aqui podia o Senhor
São Jozè mais do que os
Anjos? Não diremos
tanto; mas sempre di-
remos, foi isto assim,
porque no Senhor São
Jozè havia alguma cou-
za mais, que não havia
nos Anjos. E que tinha
o Senhor São Jozè de
mais? Tinha o seu no-
me: tinha o chamar-se
Jozè, nome que não tem
nenhum dos Anjos; por
que nenhum se chama
Jozè. E como o Senhor
São Jozè na virtude do
seu nome, tinha a effica-
cia do seu patrocínio;
por isso não aos Anjos,
fenaõ só a Jozè encarre-
ga Deos o patrocínio de
Christo, e Maria: *Ang-
elus Domini apparuit
in somnis Joseph di-
cens,*

cens, surge, accipe puerum, & matrem eius.

Naõ vem como he inseparavel a virtude do patrocínio do admiravel nome de Jozè? bem se segue logo, que quem for Jozè, naõ só naõ pode faltar com o seu patrocínio, naõ só ha de dar hum patrocínio o mais seguro; se naõ, que ainda o ha de dar, sem que para isso seja pedido, nem rogado. Depois de espirar Christo no Calvario, ficou seu Sacrosanto Corpo na Cruz ao desamparo; sem haver, quem se resolvesse a dar-lhe sepultura. E tendo o Senhor àlem de onze Apostolos, setenta e dous discipulos, nenhum delles cuidou naquelle desamparo. Quando eisque lá de Arimathea sahe hum certo homem, e sem temor, nem receyo dos Judeos, entra no Palacio de Pilatos, pedelhe o corpo do Senhor, e alcançada licença, lhe

dá huma rica, e honrosa sepultura, e he de notar, que tudo isto fez este homem; sem que fosse pedido, nem rogado: *Homo quidam dives ab Arimathea... venit ad Pilatum, & petiit corpus Jesus, & sepelivit eum.* E porque cuidaes vós, que fez este homem o q̃ nenhum dos outros se atreveo a fazer? E isto sem que o pedissem, nem rogassem? Sabeis porque? Porque no seu mesmo nome tinha a razão para o fazer assim: porque era Jozè, e tinha este nome: *Homo quidam dives ab Arimathea nomine Joseph.* E quem he Jozè, ainda que naõ seja pedido, nem rogado, naõ pode ver desamparados, que os naõ patrocinem; naõ pode faltar com o seu patrocínio, por isso mesmo, que he Jozé, e tem tal nome: *Nomine Joseph.*

Grande excellencia de quem he Jozé! Fazer bene-

beneficios sendo rogado dar o seu patrocínio , sendo pedido ; isso fazem muitos , e muitos nem isso fazem ; porem dar o patrocínio sem ser rogado , fazer o beneficio sem ser pedido , isso o não vi eu fazer a ninguém , e só a quem he Jozè , o vi fazer. Senhores devotos do Senhor São Jozè , quereis hum patrocínio o mais seguro ; quereis hum patrocínio , que nunca vos possa faltar ; hum patrocínio , que vos não custe a vergonha , o pejo , ou trabalho de o pedir ; pois recorrei ao Senhor São Jozé , e recorrei a elle como Jozé ; e sabeis o quando , e aonde o haveis de buscar como a Jozé para alcançares delle tudo isso assim ? Hade ser aqui , e hade ser agora. E por que ? Porque , sendo o patrocínio do Senhor São Jozè em toda a parte , e em qualquer tempo o mais seguro , por

Jozè , ou por ser hum só Jozè , aqui , e agora ainda he mais seguro , pois se achão trez Jozès para o fazerem mais seguro , e mais forçosa a sua obrigação para não faltar. Acha-se o Senhor São Jozè , acha-se Sua Excellencia , que tambem he Jozè , e acha-se como Jozè o nosso Reverendo Prelado. E certamente , que com huma misteriosa ordem na mesma ordem , com que em cada hum se acha o nome de Jozè. Acha-se em primeiro lugar o Senhor São Jozè , a quem se dedicaõ todos estes obsequios , e por isso tem tambem o nome de Jozè em primeiro lugar , porque não tem outro nome mais que Jozè. Acha-se em segundo lugar Sua Excellencia , que só depois do Senhor São Jozé , podia ser aqui o segundo , sendo em tudo o mais sempre primeiro , acha-se , digo aqui como em lugar segundo ,

gundo, e por isso tem tambem o nome de Jozè em segundo lugar; porque he Luis o seu primeiro nome, e Jozè he o segundo. Acha-se em terceiro lugar o nosso Prelado, e propriamente como terceiro; porque he o que com o seu zelo, e cuidado he o agente destes cultos, e veneraçoes, e por isso tem tambem o nome de Jozè em terceiro lugar, porque he o seu nome Fr. Manoel de Saõ Jozè.

Agora notem o que diz a Igreja em huma oração dos seus officios; diz, que para o patrocinio ser o mais seguro, se haõde multiplicar para isso os intercessores: *Multiplicatis intercessoribus largiaris*, e que saõ os obsequios, honras, cultos, e veneraçoes, que se fazem aos Santos, senaõ huns fortes, e efficacissimos intercessores para por meyo delles, e pelo seu patrocinio alcançarmos

de Deos o bom despacho das nossas peticoens. E se hum Jozè, só por Jozè está ja obrigado a naõ faltar com o seu patrocinio, o que será tendo o seu patrocinio dous Jozès mais por intercessores. Se hum Jozè só póde tanto, o que será hum Jozè triplicado; o que será trez Jozès unidos. Aqui podia eu agora atar muito bem a estes trez Jozès com aquelle *Funiculus triplex difficile rumpitur*; do sabio, quando diz, que o cordel composto de trez cordeis com difficuldade se rompe; que he o mesmo, que dizer, que a uniaõ espiritual de trez enlaçados em hum vence tudo, e tudo alcança. E o mesmo Christo o disse depois, quando disse, que o que se pedir em nome de trez, ou o que trez pedirem em seu nome, infallivelmente o haõ de alcançar: *Ubi duo, vel tres congregati fuerint*

in meo nomine , ibi sum ego : E se o nome destes trez que pedirem for Jozè , o que será ? Por isto eu dizia , que quem quizer seguramente o patrocínio do Senhor S. Jozè , recorra a elle agora , e recorra aqui.

E vós , glorioso Santo , ja que tanto podeis com esse vosso nome ; ja que como Jozè podeis tanto , e ja que para as nossas veneraçoes , sois aqui o primeiro Jozè , lembraivos muito particularmente , daquelle Jozè , que depois de vós

he o segundo ; de Sua Excellencia ; digo , que certamente com vosco póde muito como Jozè ; tomai-o muito debaixo do vosso patrocínio , a Sua Excellencia , e não vos esqueçaes tambem , daquelle Jozè , que he o terceiro dos vossos applausos , sem que fiquem de fora todos os mais devotos , para que a todos por meyo do vosso patrocínio , alcancemos nesta vida muitos auxilios de graça , e na outra o fruto da Bemaventurança. Amen.



In der ersten Expedition, die im Jahre 1847 unternommen wurde, wurde die Aufmerksamkeit hauptsächlich auf die Untersuchung der geologischen Verhältnisse der Gegend gerichtet. Die geologischen Verhältnisse der Gegend sind im Allgemeinen durch die Gegenwart von Schieferungen charakterisiert, die in der Richtung von Nord nach Süd streichen. Diese Schieferungen sind in der Regel nach Süden geneigt und bestehen aus verschiedenen Gesteinsarten, wie Sandstein, Kalkstein und Schiefer. Die Schieferungen sind durch Klüfte und Störungen unterbrochen, die in der Regel in der Richtung von Ost nach West streichen. Die Klüfte sind in der Regel senkrecht zur Schieferungsrichtung orientiert und bestehen aus verschiedenen Gesteinsarten, wie Sandstein, Kalkstein und Schiefer. Die Störungen sind in der Regel in der Richtung von Ost nach West orientiert und bestehen aus verschiedenen Gesteinsarten, wie Sandstein, Kalkstein und Schiefer. Die Klüfte sind in der Regel senkrecht zur Schieferungsrichtung orientiert und bestehen aus verschiedenen Gesteinsarten, wie Sandstein, Kalkstein und Schiefer. Die Störungen sind in der Regel in der Richtung von Ost nach West orientiert und bestehen aus verschiedenen Gesteinsarten, wie Sandstein, Kalkstein und Schiefer.



PRÁTICA III.

JOSEPH AUTEM CUM ESSET JUSTUS

Math. cap. I. v. 19.



E o ter hum nome augusto he dita grande: se he grande fortuna o ser huma Pessoa Excelente (Excellentissimo Senhor) que fortuna , e que dita taõ grande naõ será se ao Excelente da Pessoa se ajuntar o predicado da Santidade , e se ao augusto do nome se ajustar o sobre nome de justo ? Pois isto que poucas, ou raras vezes se acha junto em hum só fogeito , vemos hoje unido em o glorioso Patriarcha o Senhor Saõ Jozè; porque naõ só foi

huma Pessoa a mais excellente, como filho de David: *Joseph fili David*; naõ só teve o mais augusto nome, que he Jozè: *Cui nomen erat Joseph*; tambem para timbre do nome, e realce da Pessoa, teve o atributo de mais Santo, e mayor justo: *Joseph autem cum esset justus*. E se pela Pessoa; que he, e pelo nome que tem, vimos ja o como estava obrigado a naõ faltar com o seu patrocínio aos seus devotos, esta mesma obrigação, e ainda mais forçosa, veremos

remos hoje tem , porque foi hum perfeito justo : *Joseph autem cum esset justus.* Este o ponto para o discurso , vamos a ver agora se o discurso fere o ponto.

Joseph autem cum esset justus. Este nome justo tomado na sua primeira , e rigorosa significação , quer dizer ; hum homem dotado da virtude da justiça , que he huma das quatro , a que chamaõ cardeaes. A justiça no homem tem dois effeitos principaes ; o primeiro he fazer ao homem justo em si , e para com si ; o segundo he fazello justo para com os outros , e fora de si. O homem justo para com si , he aquelle , que tem em si todas as virtudes , porque das virtudes todas he a justiça a origem , o principio , e o fundamento. O homem justo fora de si , e para com os outros , he aquelle que não falta ao proximo com o que

lhe he devido , e tudo isto teve o Senhor São Jozè , como justo , e em grao mais subido , que todos os mais justos. Não só foi justo para com si , para que teve juntas , e unidas em sua alma todas as virtudes , e ainda em gráo mais heroico , e perfeito , que todos : tambem foi justo para com os outros , porque nunca faltou ao proximo com o que lhe era devido , e mais perfeitamente , que nehum ; e por estes dous principios veremos , o como o Senhor São Jozè está obrigado , e muito obrigado a não faltar aos seus devotos com o seu patrocínio ; por justo para com si ; e por justo para com os mais.

Que o Senhor São Jozè , como justo para com si , e como quem mereceo a justiça de ter em si todas as virtudes , esteja obrigado a não faltar com o seu patrocínio aos seus devotos , he evidente ;

vidente ; porque se o faltarem , ou não faltarem os Santos com o seu patrocinio procede da mayor valia, ou merecimento, que cada hum tem para com Deos , e este merecimento, ou valia se faz mayor , e mais efficaç pelas maiores virtudes , e graças de cada hum ; sendo do Senhor São Jozè nas graças , e virtudes o mais avantejado a todos , claro está que mais que todos hade ter maiores merecimentos para com Deos ; e como com Deos merece mais, tambem pode mais com Deos , e por consequencia está mais obrigado a não faltar com o seu patrocinio aos seus devotos. Tudo disse em menos palavras o devoto Isolano : *Mortalium inter patronos apud Deum arbitror Săctum Joseph esse efficaciorum* Entre todos os advogados , diz este devoto, que tem os homens no Ceo para com Deos ,

não se pode duvidar he Jozè o mais efficaç , e o que com Deos certamente pode mais que todos; e he sem duvida ; que tudo isto tem pelo mais, que merece com Deos , como quem teve em si juntas , e unidas as virtudes todas , como justo para com figo : *Joseph autem cum esset justus* ; mas para que vejamos isto melhor ; pergunto ?

E que mereceo o Senhor São Jozè para si pela justiça das suas virtudes , ou por ter em si as virtudes todas, como justo para com figo ? mereceo o que nenhum outro Santo mereceo , que foi o ser escolhido para Pay putativo do mesmo Deos feito homem. Pois se o Senhor São Jozè pela virtude dos seus merecimentos, ou pela justiça das suas virtudes , mereceo o ser Pay de Deos feito homem , bem se segue , que tem mais obrigação que

que outro Santo algum de não faltar nunca com o seu patrocínio aos seus devotos; pois por esta razão, mais que todos pode mais com Deos, e tanto pode que para dar o seu patrocínio, nem pede, nem roga a Deos. E pois não pede, nem roga, o que faz? Manda, determina, ordena? Não digo tanto; poreo digo, que não pede, nem roga; porque nem roga, nem pede como os outros Santos: ora notem.

He certo, que pelo patrocínio dos outros Santos, alcançamos de Deos muitas graças, e beneficios; mas estes beneficios, e estas graças como as alcançaõ os mais Santos? Ja sabemos que hade ser pedindo, e rogando. E como rogaõ, e pedem? Sabem como? he com huma submissaõ muito grande, e com huma grande dependencia; porque huns pedem co-

mo servos; que assim pedia David: *O Domine, quia ego servus tuus*. Outros pedem como criados, assim pedia Moysés: *Erat in domo ejus tamquam famulus*. Outros pedem como amigos; assim pediaõ os Apostolos: *Vos autem dixi amicos*: Outros pedem como vassallos; assim pedem os Anjos: *Ministri ejus, qui faciunt voluntatem ejus*; e quem assim pede; quem pede com esta dependencia, muitas vezes não alcança o que pede. Pedir o servo ao senhor, o criado ao amo, o amigo ao amigo, e o vassallo ao Rey, vai mui arriscado este pedir. Porque o Rey, com a mesma magestade de Rey pode não ouvir bem ao vassallo; o amigo com a mesma cara de amigo lhe diz, que se deixe disso; que ha amigos, que para tudo tem cara; o amo com a mesma confiança de amo,

mo, diz ao creado, que não pode agora, e o Senhor com a razão de Senhor, e talvez sem razão, diz ao escravo, que não quer. E quem assim pede, leva muy arriscado o despacho do que pede; porque he pedir com dependencia, e por isso, faltaõ muitos Santos com o seu patrocínio aos seus devotos, porque communmente todos pedem assim. O Senhor São Jozè não pode faltar com o seu patrocínio aos seus devotos; porque não he assim o como elle pede. E como pede o Senhor São Jozè? Sabem como? Pede com Soberania, pede com Dominio, e pede com Imperio, porque pede com authoridade de Pay. Assim o considera o seu grande devoto João Gerson: *Dum Pater Filium orat velut imperium reputatur*. Santa Thereza de JESUS nos explicará melhor o que

queremos dizer. Pedia esta gloriosa Santa com muita instância a Christo Senhor Nosso por certa Religiosa, e achava a este Senhor muy remisso em lhe conceder o que lhe pedia. Quando ao mesmo tempo apparece o Senhor São Jozè ao lado da Santa, e eis que como resolutto disse assim a Christo: Senhor, conceda vossa Divina Magestade a minha devota Thereza, o que lhe pede. De maneira, que não uzou de termos submissos, como quem roga, mas de palavras imperativas, como quem manda: Eis aqui como o Senhor São Jozè pede, não pede com dependencia, pede com authoridade; não roga com submissão, roga com imperio. Não roga, nem pede o Senhor São Jozè, quero dizer, não pede, nem roga, como os outros Santos: este modo de pedir, e rogar, nem he absolutamente

tamente rogar, nem he totalmente mandar; pois que he? Agora o direi melhor; he atar as mãos a Deos, e he ficar Deos como atado, e deixar fazer ao Senhor São Jozè do seu patrocínio o que quizer. Para atarmos tambem melhor o que himos dizendo notem huma notavel advertencia do Evangelista São Lucas.

Falla este Evangelista de Christo nascido no portal de Belem, e diz, que sua Santissima Mãe, a Virgem Maria, o enfaixara, e envolve-ra em humas certas mantilhas, ou panos: *Et panis eum involvit*. Notavel advertencia por certo. Se Deos se tinha feito homem, se nascia menino, e tinha Pay, e Mãe, ainda que pobres; he sem duvida, que se havia envolver em panos, e enfaixar em mantilhas. Mas o certo he, que o Evangelista, que fez advertencia, ha-

via misterio. O misterio foi, diz Drexelio com outros authores, e graves, que aquellas preciosas roupas, e aquellas ricas mantilhas, que affim lhe devemos chamar foi a pobre capa do Senhor São Jozè, e o Padre Morales, que tambem escreve o mesmo, aindagozou a dita de alcançar huma reliquia deste manto sagrado, depois de o adornar na Igreja titular de Santa Anastacia em Roma: *Panem vestis Beati Josephi Sponsi Virginis, in quo involutus fuit Dominus noster Jesus Christus in sua natiuitate*: são palavras do breve, que authorisou esta devota, e veneravel reliquia. Agora perguntado? E de que servem as mantilhas, ou panos, comque se enfaixaõ os mininos quando nascem? Servem de apertar, ligar, e prender as mãos, e os pes das crianças. Affim o fazem com as suas manti-

mantilhas todas as máys aos seus filhinhos ; e assim o fez ao seu Minino JESUS aquella Santissima Máys com a capa do Senhor São Jozè: ligô-o, apertô-o, e prendeu-o de pes, e mãos : assim o diz a glosa explicando este texto de São Lucas: *Manus, & pedes stringuntur*; e o canta assim tambem a Igreja em hum dos seus Hymnos, celebrando que com aquellas sagradas mantilhas, ou com a capa do Senhor São Jozè atara Maria as mãos, e os pes do seu minino Deos: *Dei manus, pedesque stricta cinxit fascia*. Ja se deixa entender, que nesta capa do Senhor S. Jozè vai envolto o seu patrocínio, e assim ficou Deos atado de pes, e mãos com o patrocínio do Senhor São Jozè, e o Senhor S. Jozè com o seu patrocínio livre, e desembaraçado, para o dar a quem quizer, como quizer, e quando

quizer, e tudo mereceo o Senhor São Jozè pela summa perfeição, e heroicas virtudes pelas quaes foi escolhido para Pay putativo de Deos feito homem como justo para com figo: *Joseph autem cum esset justus*.

E se o Senhor São Jozè tem a Deos assim atado, ou como enleado com a sua capa, e o seu patrocínio tão livre para o dar como quizer, poderá haver alguma occasião em que o Senhor São Jozè possa faltar com o seu patrocínio? Digo que não, e em quanto homem justo para com os outros, e por aquella parte da justiça, que manda, que o homem justo dê a cada hum o que he seu; que he a segunda parte do nosso discurso. Mas he necessario, que para o Senhor São Jozè não faltar com esta justiça de dar o seu patrocínio a quem o quer, haja

tambem justiça , ou direito da parte de quem o pede. E que direito , ou justiça podem ter os devotos do Senhor São Jozè ao seu patrocínio, para que elle de justiça não possa tambem faltar? Não he necessario outra mais que o ser seu devoto ; servillo com huma vontade liza , amallo com hum coração puro, e ter nelle huma confiança catholica , e christã. É eis aqui tem os devotos do Senhor São Jozè hum belo modo, e huma rica traça para trazerem tambem ao Senhor São Jozè como atado , e enleado. O Senhor São Jozè com a sua capa atou os pés , e mãos de Deos para o deixar fazer do seu patrocínio o que quizer , e os devotos do Senhor São Jozè com o seu amor , e devoção podem atar tambem a este Santo de mãos , e pés para lhe não faltar com o seu patrocínio , pois está obri-

gado assim a dolo de justiça : *Joseph autem cum esset justus.*

Aqui estava eu agora para me retratar do que disse ja nas duas praticas antecedentes. Disse que quem quizesse que o Senhor São Jozè lhe não faltasse com o seu patrocínio , que lho pedisse pela pessoa que era , e pelo nome que tem ; disse bem , não me quero retratar ; porém disse pouco entãõ , agora digo mais , e melhor. Quereis que o Senhor São Jozè de nenhuma sorte vos falte com o seu patrocínio , pois buscai-o , ou agora , ou em outro qualquer tempo , e buscai-o como justo. Pela Pessoa que he , e pelo nome que tem , não vos hade faltar ; porque não hade querer faltar à regalia do nome , e à excellencia da Pessoa ; mas como isto não he de justiça , he por benevolencia , pode faltar , e pode

de não querer , se quiser: agora não, buscado como justo não pode faltar ; porque de justiça está obrigado a darvos o seu patrocínio , por isso mesmo que he justo : *Joseph autem cum esset justus.*

Agora me parece estou ouvindo dizer a algum critico, que nesta pratica não segui o methodo , ou modo de provar conforme guardei nas outras ; porque se nas duas primeiras, mostrando que estava o Senhor São Jozè obrigado a não faltar com o seu patrocínio pela Pessoa que era , e pelo nome que tem , provei isto com fugeitos determinados do nome de Jozè , e excellentes pela Pessoa, parece pedia a formalidade , que isso mesmo fizesse agora , e que para mostrar que o Senhor São Jozè estava obrigado de justiça a não faltar com o seu patrocínio havia mostrar isto com

fugeitos determinada-mente justos ? A critica na apparencia alguma força parece ter ; porém na realidade não tem alguma ; porque no que disse não me aparteí do que he ser justo conforme a divizaõ. Mas porque deixemos satisfeito este escrupulo , eu provo tudo quanto fica dito neste discurso , com hum texto só , e de fugeito determinadamente justo. Notem com attençaõ.

Quando David fugitivo das furias de Saul, e desamparado de todo o socorro humano, deixando a corte de Jerusalem, se retirou da vista daquella fera humana, depois de andar embrenhado por montes, dormindo por covas, e grutas, passados alguns tempos, se determinou a tornar para a corte, e dando parte desta resoluçaõ a alguns daquelles, que o acompanhavaõ, trataraõ des-

suadi-

suadilo fortemente deste intento, propondo-lhe o risco a que se expunha em irse meter nas garras daquelle Leão furioso: porem o que David fez, foi responder-lhe assim: que paraque o aconselha, vaõ andar por aquelles montes, como passaro solitario, sem habitaçaõ certa, se elle tinha recorrido ao patrocínio de hum sujeito, no qual confiava tanto, que seguramente o havia proteger, sem que as iras de Saul, e nem todas as suas astucias o podessem offender, e que este tal sujeito debaixo de cujo patrocínio estava, era o mesmo Deus: *In Domino confido, quomodo dicis animæ meæ, transmigra in montem sicut passer.* E como achou David em Deus este patrocínio taõ seguro? Seria em Deus, como Senhor pela Excellencia da sua Pessoa? Naõ, porque assim ja David se

tinha queixado, que buscando-o huma vez o naõ achara: *Exurge, quare obdormis domine.* Seria em Deus debaixo da protecçaõ do seu nome; tambem naõ; porque ainda que David alguma vez disse, que assim o havia de buscar: *Nomen Domini invocabo;* o nome de Deus naquelle tempo, que era o nome de *Jehovah;* mais era para meter terror, do que para reconciliar agrado; porque ainda que Santissimo era terrivel: *Sanctum, & terribile nomen ejus.* Pois como buscou David em Deus este patrocínio taõ seguro, que julgou de nenhuma forte lhe podia faltar? Elle mesmo o disse logo, dando a razãõ porque tanto confiava nelle. Porque tinha buscado a Deus, como a sujeito justo: *In Domino confido... Quoniam justus Dominus, & justitiam dilexit, æquitatem*

tem vide vultus ejus, e notem, que não diz só, que buscara a Deos, como fugeito justo em si pela eminencia da sua santidade, e justiça das suas virtudes: *Iustus Dominus*; mas também como a fugeito dotado da virtude da justiça, que obriga a dar com igualdade a cada hum o que he seu: *Et justitiam dilexit; equitatem vide vultus ejus*. Ainda não dissemos tudo; e que justiça pôs David da sua parte para merecer de Deos, como justo o seu patrocínio? Nenhuma mais que a confiança que tinha posto no mesmo Deos o seu affecto, e a sua devoção: *In Domino confido*. Ensinando-nos assim David, que quem quizer hum patrocínio o mais seguro, hade buscá-lo em hum fugeito, que além da excellencia da sua Pessoa, e do bom nome que tem, hade ter também por summa da

perfeição o attributo de justo. Este fugeito depois de Deos he o Senhor São Jozè; recorramos a elle, pondo da nossa parte a justiça, e o merecimento da nossa fé e devoção, que elle da sua parte nos não ha de faltar em nos dar o seu patrocínio; porque assim está obrigado como justo, que he: *Joseph autem cum esset justus*.

E quem, Excellentissimo Senhor, quem melhor que Vossa Excellencia tem para isto mais justiça, e merecimento? Por mais que todos os devotos do Senhor São Jozè o seu devoto; por mais affectuoso, por mais empenhado, e por mais; mais que? hia a dizer por mais justo: mas sempre direi, por mais ajustado. Pois se mais que todos, tem Vossa Excellencia mais justiça ao patrocínio do Senhor São Jozè; o Senhor São Jozè, tem também

tambem mayor obriga-
 ção de justiça em não
 faltar a Vossa Excellen-
 cia com o seu patrocini-
 o; pois como tão jus-
 to não pode faltar em
 dar a cada hum o que he
 seu. E assim a cada hum
 dos seus devotos, con-
 forme ao que lhe mere-

cer lhe dará tambem o
 Senhor Saõ Jozè o seu
 patrocínio, à medida da
 sua justiça, e do mere-
 cimento de cada hum;
 nesta vida para conse-
 guirmos os bens da gra-
 ça, e na outra o summo
 bem da Gloria. Amien.



14
S E R M A M

DO GLORIOSO PATRIARCA

O S E N H O R

S A M J O Z E

NA FESTA DO SEU PATROCINIO,
e em occasiã que se esperava pela
noticia da Acclamação do Au-
gustissimo Monarca

DOM JOZE I.

REY DE PORTUGAL

*No Convento de Santo Antonio da Villa do Re-
ciffe de Pernambuco anno de 1751.*

P O R

Fr. ANTONIO DE SANTA MARIA

J A B O A T A M, &c.

SE R E M A M

DO S T O R I O S O P A T R I A R C H A
O S E N H O R

S A M J O A E

NA PRSTA DO SEU PATROCINIO,
e em occasião que se apresenta pela
honra da Accademia de Au-
gustinus e de Santa

DOM JOSE

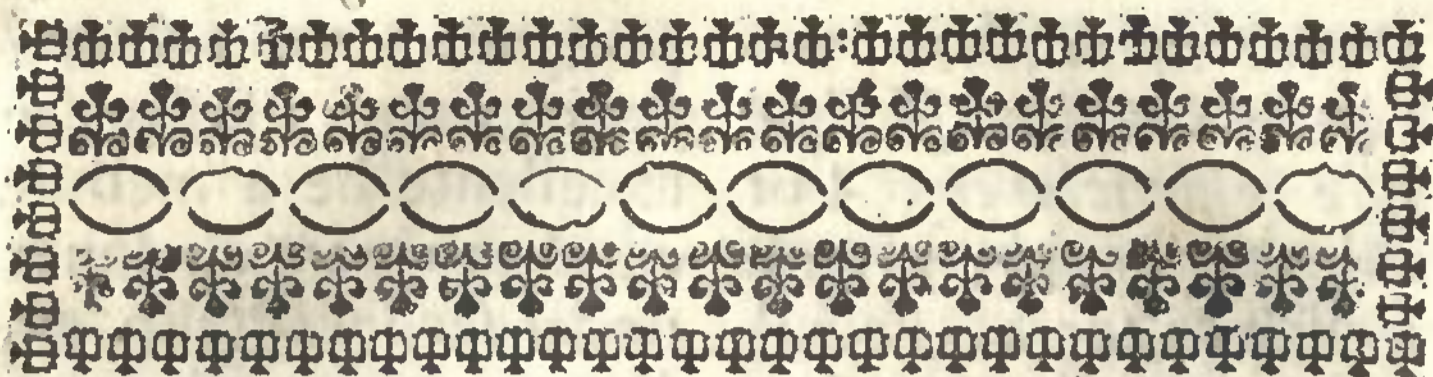
REY DE PORTUGAL

No Conselho de Sua Magestade da Villa de Re-
al de Evora em 17 de Junho de 1754

P O R

FRANCISCO DE SAUTAMAIA

LAHOTAM, &c.



UT PUTABATUR FILIUS JOSEPH

Luc. cap. 3. v. 23.

JOZE' Illustre!
 Excelente Jo-
 zè ! (Divina,
 e humana Ma-
 gestade ! Senhor não re-
 pare Vossa Magestade ;
 em que estando exposto,
 e patente nesse Trono ,
 tivesse eu a ozadia de to-
 mar primeiro venia a Jo-
 zè , do que a Vossa Ma-
 gestade ; porque se Vos-
 sa Magestade está ahi
 nesse trono como Rey :
*Christus in Eucharis-
 tia Rex* ; tambem he
 certo está ahi como
 morto : *Tamquam occi-
 sum* , e como morto o
 Rey , por direito lhe
 deve occupar o trono o
 herdeiro mais chegado ,
 e Vossa Magestade não
 tem outro herdeiro mais

que Jozè , a Jozè que ja
 considerava no trono do
 Rey morto , se forão
 hoje todas as minhas at-
 tençoens : *Ut putabatur
 filius Joseph*) Jozè Il-
 lustre , Excelente Jozè!
 Se por pessoa taõ gran-
 de nascestes ja excellen-
 te , como filho de Da-
 vid : *Joseph fili David!*
 Que Excelente Pessoa
 não sereis hoje por Pay
 de Christo : *Ut putaba-
 tur filius Joseph*. Por
 Pay de Christo , grande
 Pessoa no Ceo , pelo
 poderoso do vosso Pa-
 trocinio ; pois no Ceo
 respectivo o não ha ma-
 yor ; como vimos to-
 dos estes dias , e o diz o
 vosso devoto Isolano :
Mortalium inter Pa-

tronos apud Deum arbitror Sanctum Joseph esse efficaciorum. Por filho de David, grande Pessoa na terra, pelo illustre da vossa ascendencia; pois por ella nenhum nasceo na terra, mais illustre que vós. Assim o publica Joaõ Gerson, outro vosso grande devoto: Fuit Joseph vir dignior, & nobilior inter omnes homines, qui nati sunt ex stirpe Adam.

E se he huma Pessoa taõ Illustre, e Excellente Jozè, que titulo lhe daremos hoje pelo excellente, e illustre da sua Pessoa? As circumstancias do tempo, e as excellencias de Jozè me estaõ excitando, e assim suponho o faraõ nos animos dos seus devotos, e apaixonados, a que acclamemos hoje a Jozè por nosso Rey, e Senhor. Assim será; por nosso Rey, e Senhor veremos hoje acclamado a Jozè. E com razaõ;

porque se o ser huma Pessoa a mais illustre, e excellente he a melhor condiçaõ para qualquer poder ser levantado em Rey, quem melhor para Rey do que Jozè, pois he huma Pessoa a mais excellente, e illustre: *Joseph fili David.* Se o ter hum nome bom he predicado requisito para hum Principe perfeito; quem mais perfeito para Principe do que Jozè, pois tem hum taõ bom nome: *Cui nomen erat Joseph.* Se o ser hum sogeito dotado da virtude da justiça, he attributo necessario para hum Monarca, quem mais para Monarca, do que Jozè, pois he por antonomazia o justo: *Joseph autem cum esset justus.* Esta sem duvida foi toda a traça, comque nas trez praticas antecedentes, tomei por empenho mostrar-vos, que Jozè era huma Pessoa a mais illustre, e excelente; tinha hum bom

bom nome, e era perfeito justo; paraque movendo-vos assim as vontades com tão singulares prendas, acha-se hoje os vossos animos dispostos para o intento que trazia de acclamar-mos hoje a Jozè por nosso Rey, e Senhor. E este será todo o empenho deste devoto, e luzido acto. Veremos o como Jozè está acclamado por Rey, e Senhor nosso; o Reyno aonde está; de quem he Rey, e quando foi acclamado. Para tudo nos haõde dar fundamento as palavras do thema, que saõ do Evangelho, que a Igreja applica hoje para a festa do grande Patrocínio deste glorioso Patriarca: *Ut putabatur filius Joseph*. Este foi o assumpto, que me occorreo, e achei mais proprio para as circunstancias do tempo, e do dia de hoje; porque se este he o dia em que a Igreja faz festa particu-

lar ao poderoso Patrocínio de Jozè; para conhecermos melhor, quem seja Jozè pelo seu Patrocínio, nenhum assumpto hamais proprio do que este, em que Jozè se hade ver Rey, e Senhor nosso. Para as circunstancias do tempo tambem proprio, pois estamos em tempo de acclamação. As couzas, que formos dizendo cada humas applicará conforme as entender; humas no sentido allegorico, outras no seu proprio sentido, e muitas equivocas, ou apropiadas. Tudo poderemos vencer se nos assistir tambem o Patrocínio de hum Santo, que por Esposo de Maria, e Pay de Christo, teve para tudo toda a graça.

A V E M A R I A.

POr nosso Rey, e Senhor temos hoje acclamado a Jozè, e se para hum Rey ser acclama-

acclamado por tal, hade ter titulos por onde o possa ser, que titulos terá Jozè por onde possa ser acclamado Rey? Tem todos aquelles que em rigor de direito são necessarios, e fundados todos, nas breves palavras do nosso thema: *Ut putabatur filius Joseph.* He Jozè Pay de Christo, e Esposo de Maria, que tudo querem dizer estas palavras, e por ambos estes titulos podia Jozè ser acclamado Rey. E primeiramente por Esposo de Maria. São Bernardino de Sena, fundado em certa regra de Direito, e fallando de Jozè, como Esposo de Maria, diz que todos aquelles titulos, e excellencias, que gozava Maria Santissima, as lograva tambem Jozè como seu Esposo; porque he regra de Direito, que tudo o que he da Esposa, he do Esposo: *Omnia, quae sunt uxoris sunt viri!*

E que titulos tem Maria em quanto ao tratamento da sua Pessoa? Tem os titulos de Rainha, e Senhora nossa: *Maria, idest Domina; Regina nostra.* Logo se o que he da Esposa he do Esposo, aonde a Esposa que he Maria, he Senhora nossa, e nossa Rainha, Rey, e Senhor nosso hade ser Jozè, que he o seu Esposo. Assim o tem o mesmo Direito em outro texto expresso *Reginarum Sponsi in partem Regni vocantur ita ut viris suis titulū Regis impertiant.* Quer dizer; quem ja mais cazou com huma Rainha que não fosse Rey; quem teve ja mais por Esposa a huma Senhora, que se não chamasse tambem Senhor? Logo se Maria he nossa Senhora, e he nossa Rainha, Rey, e Senhor nosso ha de ser tambem Jozè, pois he Esposo de Maria: *Reginarum Sponsi in partem Regni vocantur,*
 &c.

&c. Eisaqui o como a Jozè lhe compete o titulo de Rey, e Senhor, por Espozo de Maria, e isto mesmo se lhe deve por Pay de Christo. He Christo Rey, e Senhor: *Dominus, & Rex*: he Jozè Pay de Christo: *Ut putabatur filius Joseph*; pois seja Jozè tambem Rey, e Senhor.

Senhor de toda a sua caza constituhio lá ao seu Jozè o Rey Faraó: *Constituit eum Dominum domus suæ*: e naõ menos o fez tambem Rey segundo, ou Vice-Rey de todo o seu Reyno: *Et Principem omnis possessionis suæ*: E nem podia deixar de ser assim: era Jozè Pay de Faraó: estava Faraó em lugar de filho, e Jozè em lugar de Pay: *Fecit me Dominus quasi Patrem Pharaonis*: e como nos Pays recahem, ou reflectem as excellencias dos filhos, sendo Faraó como filho de Jozè Rey, e Senhor, Se-

nhor, e Rey ha de ser Jozè como seu Pay: *Fecit me Dominus quasi Patrem Pharaonis*; *constituit eum Dominum, & Principem*. Isto que naquelle Jozè vio lá o Egypto, vemos nós aqui em o nosso Jozè: he Senhor, e Rey o filho de Jozè, que he Christo; *Rex, & Dominus*: Rey, e Senhor ha de ser Jozè, que he seu Pay: *Ut putabatur filius Joseph: constituit eum Dominum, & Principem*.

Ainda para Jozè poder ser Rey, tem outro titulo mais, e melhor ainda. Porque se os mais foraõ por graça, ou privilegio, este he por descendencia, e natureza. Por natureza, e descendencia he Jozè filho de David: *Joseph fili David*. E se David por descendencia, e natureza foi Rey: *David autem Rex*: Rey hade ser tambem Jozè como filho, e descendente de David

David. He Rey o Pay de Jozè, que he David; pois seja Jozè, que he feu filho tambem Rey: *Joseph fili David: David autem Rex.*

Eis aqui temos ja o como pode Jozè estar acclamado em Rey; por todos aquelles titulos por onde hum Rey o pode ser. Por Espozo de Rainha, por Pay de Rey, e por filho, e descendente de Rey. E para que fiqueis na certeza de que Jozè está acclamado Rey, reparai no que não ha ainda meya hora aconteceo aqui. Ainda agora naquella Coro; antes de se entrar a este solemne acto da Missa ouvistes entoar hum *Te Deum laudamus*. Tambem o eu ouvi, e sahindo a inquirir a causa, não achei quem me dèsse a razão desta novidade; ao que eu respondi: não importa; seja o que for; para mim ja sei o que he: he confirmação do que

tenho dito. He para que fiquemos entendidos, que Jozè está acclamado Rey. E porque? Porque o ultimo acto de huma acclamação, he solemnemente o *Te Deum laudamus* em acção de graças. E isto mesmo he o que nos persuade o *Te Deum laudamus*, que ha pouco ouvimos, que demos a Deos as graças por nos dar hum tal Rey como Jozè: *Te Deum laudamus*, e que todos prostrados a seus pés, confessemos, e reconheçamos a Jozè por nosso Rey, e Senhor: *Te Dominum confitemur*.

Mas se não ha Rey sem Reyno, qual será o Reyno de Jozè? Eu não sei se he allegoria, se he propriedade, ou se he equivocação do meu discurso; o que sei he, que Jozè está acclamado Rey. E sabem donde? Em Portugal. He Portugal o Reyno, donde Jozè está acclamado

mado Rey, porque he Portugal, e foi sempre o Reyno de Jozè. Bem sei que me podem dizer, os que tem lição da Escritura Sagrada, e ainda os que lem as historias Seculares, que a Jozè por descendente de David, o Reyno que lhe tocava por herança, era o Reyno de Israel, e eu tambem assim o digo. Pois se Israel era o Reyno, que pertencia a Jozè, como digo eu agora que em Portugal, he que está Jozè aclamado Rey? Por isso mesmo. E a razão eu ja a apontei aqui da outra vez, pregando nas Exequias do Fidelissimo, e Augustissimo Rey Dom João V. de incomparavel laudade, quando disse que tanto fazia dizer Portugal, como Israel, e Israelitas, como Portuguezes; e juntamente quando disse que assim como o Reyno de Israel era o Reyno de Christo, e os Israelitas Povo de

Deos; assim tambem Povo de Deos era o Povo Portuguez, e o Reyno de Portugal Reyno de Christo, como o mesmo Christo o disse ao seu primeiro Rey D. Affonso Henriques, quando pregado em huma Cruz lhe apareceu, e fallou no Campo de Ourique: *Volo in te, & in semine tuo imperium mihi stabilire.* E agora accrescentando mais digo: que por isso mesmo que a Jozè pertencia o Reyno de Israel, como Reyno de Christo, por isso mesmo ha de ser Jozè hoje Rey de Portugal; porque Portugal he com especialidade o Reyno de Christo, e como Reyno de Christo pertence a Jozè, e só a Jozè.

Repara Santo Ambrosio com a sua costumada energia, ou agudeza, que pedindo o bom ladraõ a Christo na Cruz o seu Reyno: *Domine memento mei dum veneris.*

veneris in Regnum tuum. Christo não lhe dera o Reyno em quanto Reyno, só lho dera em quanto Paraiso: *Non de Regno respondit, sed hodie mecum eris in Paradiso.* A duvida está percebida: se o ladraõ pede o Reyno de Christo em quanto Reyno; porque razaõ lho dá Christo em quanto Paraiso, e não em quanto Reyno: *Non de Regno respondit, sed hodie mecum eris in Paradiso?* Para darmos a resposta devemos advertir que não falta quem diga que o ladraõ teve para si, que Christo temporalmente havia Reinado em Israel, assim como também se enganaraõ os filhos de Zebedeo: outros dizem, e he o commum, que o Reyno que pedia o ladraõ, era o Reyno do Paraiso, ou da Gloria. Também devemos notar que Christo teve dous Reynos; hum espiritual, que he o da Gloria, ou Paraiso, e outro temporal, que era o de Israel. Agora vai a resposta de Christo, como confirmação do dito, e como quem com ella tirava a Dimas toda a equivocação, do que pedia. Se tu oh Dimas me pedes o meu Reyno espiritual, a minha Gloria, ou o meu Paraiso; neste não tenho duvida tenhas entrada: *Hodie mecum eris in Paradiso;* mas o meu Reyno temporal, o Reyno de Israel, esse não to posso eu dar: *Non de Regno respondit:* E porque? Porque no Reyno de Israel em quanto Reyno de Christo, estava figurado o Reyno de Portugal, que também he Reyno de Christo: *Imperium mihi:* e o Reyno de Portugal em quanto Reyno de Christo, de tal sorte pertence a Jozè, que se não dá a outro se não a Jozè: *Non de Regno respondit:* Mais a-
diante

diante diremos o mais, que falta.

He logo Portugal o Reyno de Jozè; he logo Jozè Rey de Portugal. E ja agora podemos saber tambem que he Jozè hum tal Rey, que como Rey de Portugal que he, he Rey de Reys, e Senhor de Senhores. Porque se o fer Rey de Reys, e Senhor de Senhores, he pôr em hum Reyno Reys da sua mão, e ter da sua mão os Reys deste Reyno; tudo isto tem Jozè em Portugal; tem da sua mão aos seus Reys, e poz tambem Reys da sua mão. E se não diga-o Portugal: mas Jozè o dirá primeiro: *Per me Reges regnant, & per me Principes imperant*: Por mim, diz Jozè, e bem o pode dizer; por mim reynaõ os Reys em Portugal: *Regnant*: e por mim tem imperio em Portugal os seus Principes: *Imperant*: e po-

derá isto ser assim? Responda Portugal agora, e elle dirá o como he isto. E que dirá Portugal? Dirá que para o livrar do cativeiro de Castella, lhe deo São Jozè aquelle seu famoso libertador, o Senhor Rey Dom Joaõ IV. que para Restaurador de Portugal, nasceu em dia de São Jozè. E se isto he dar Jozè Reys, e Senhores a Portugal, e pôr em Portugal Senhores, e Reys da sua mão; isto he ser Jozè em Portugal Rey de Reys, e Senhor de Senhores.

Assim se fez Jozè em Portugal Rey de Reys, e Senhor de Senhores dando Reys a Portugal, e assim se confirma Rey, e Senhor dos Senhores Reys de Portugal, obrigando-os por estes beneficios, a que lhe paguem feudos, e rendaõ vassallagem, como Reys, que estaõ da sua mão. Que outra couza saõ os cultos, as veneraçoes,

raçoens , os obsequios , e honras , que se consagraõ todos os annos a S. Jozè os Reys de Portugal ; senaõ humas obrigaçoens voluntarias , com que se reconhecem subditos , e vassallos de S. Jozè ? Elles affirm se fazem vassallos de Jozè , e Jozè por ter taes Reys por vassallos , he Rey de Reys , e Senhor de Senhores. Mas paremos aqui , e notemos à cerca disto huma especulaçaõ curiosa.

Esta a que chamamos vassallagem dos Reys de Portugal a Saõ Jozè supoem duas couzas : supoem hum beneficio , e supoem hum agradecimento : supoem hum beneficio com que Jozè penhorou a Portugal , e supoem hum agradecimento , com que Portugal se desempenhou para com Jozè. Agora pergunto ; e o beneficio por quem começou ? Começou pela Magestade do Senhor

Rey Dom Joaõ o IV. porque nelle deo Saõ Jozè Reys a Portugal. E por quem começou o agradecimento ? Começou pela Magestade do Senhor Rey Dom Joaõ o Quinto , porque por este grande Rey começou em Portugal a devoçaõ do Senhor Saõ Jozè. Oh Rey sempre grande ! Se grande por Rey de Portugal como Joaõ ; como Quinto ainda mayor , que aquelle Joaõ em quanto IV.

Daquelles quatro Espiritos , que vio Ezequiel ; em que primeiro se figuravaõ varios Reys , e Monarcas do Mundo , naõ só foi a Aguia o mais favorecido de Deos ; porque a esta por Aguia se lhe deo a Coroa : tambem foi a mais agradecida , pois como Aguia generosa , soube levantar-se e elevar-se toda em Deos : *Desuper* : mas he de notar , que fallando nesta Aguia Ezequiel humas

humas vezes lhe dá o quarto lugar ; porque com os trez diz que faz o numero de quatro : *Similitudo quatuor animalium* : outras vezes mostra ser o Quinto no lugar em que está ; porque diz que são quatro os sobre que voa : *Desuper ipsorum quatuor*. E pois como allim? A Aguia que sempre he a mesma, hade chamar-se ali Quarto, e Quinto? Sim? e porque?

Porque naquelles Espiritos estavaõ figurados tambem os quatro Evangelistas, dos quaes na Aguia estava significado Joaõ. Pois seja Joaõ o Quarto, e seja Joaõ o Quinto: seja Joaõ o Quarto quando na Coroa recebe favores, e seja Joaõ o Quinto quando sabe agradecer favores pela Coroa. Mas por isso mesmo, que os sabe agradecer como Quinto fique superior a Joaõ, quando os recebe como Quarto : *Desu-*

per ipsorum quatuor. Do Senhor Rey Dom Joaõ o Quarto, foraõ os empenhos em que S. Jozè o poz, do Senhor Rey Dom Joaõ o Quinto foraõ os desempenhos para com São Jozè: Receber favores no Reyno, e logralos isso foi para Joaõ o Quarto; pagar favores recebidos pelo Reyno, isso foi para Joaõ o Quinto. Por isso como Quinto fique superior a Joaõ como Quarto: *Desuper ipsorum quatuor*. E por isso como hiamos dizendo se só para este Rey se guardou a devoçaõ de São Jozè; se elle foi o primeiro que reconheceo a Jozè esta vassallagem; por elle começou tambem Jozè a ser em Portugal Rey de Reys, e Senhor de Senhores.

Assim he, ja não temos duvida, que he Jozè Rey de Reys, e Senhor de Senhores, como Rey que he de Portugal. Mas quando to-

maria

maria Jozè a posse deste Reyno? quando seria acclamado Rey de Portugal? O dia não o pude adivinhar: mas posso seguramente affinar o tempo. Tomou posse Jozè do Reyno de Portugal, entrou na posse deste Reyno, quando no mesmo Reyno faltou hum Joaõ, que nelle occupava o lugar de Quinto, e assim depois de hum Joaõ o Quinto, temos hoje hum Jozè Primeiro. E assim havia de ser; porque o ser Jozè o primeiro no Reyno de Portugal depois de Joaõ o Quinto, estava determinado desde que Portugal começou a ser Reyno de Christo.

Ja dissemos, que o Reyno de Portugal começou a ser Reyno de Christo, quando o mesmo Christo pregado em huma Cruz deu o titulo de Rey; e a investidura do Reyno ao nosso primeiro Monarca Dom Affonso Henriques, af-

sim como tambem o Reyno de Israel, em que o de Portugal estava figurado, na Cruz he que começou a ser Reyno de Christo: *Si Rex Israel est, descendat de Cruce.* Agora notem o que aconteceu no Calvario no dia desta posse.

Acharaõ-se alli seis Pessoas, e todas com pertençaõs àquelle Reyno. Achava-se Christo, que actualmente estava de posse delle, e era a primeira; achava-se Maria Santissima, e era a segunda; achava-se Maria Cleophas, e era a terceira; Maria Magdalena, e era a quarta; e em quinto lugar o Evangelista Saõ Joaõ. Assim, e por esta ordem os poem alli o mesmo Evangelista: *Stabat juxta crucem Jesu*: a hi o primeiro: *Mater ejus*: o segundo: *Et soror matris ejus: Maria Cleophe*, o terceiro *Et Maria Magdalene*, o quarto: *Vidit & discipulum stantem*

stantem, e eisahi o quinto: achava se finalmente o bom ladraõ, que a vozes pertendia o mesmo Reyno: *Domine memento mei, dum veneris in Regnum tuum.* Ja dissemos com Santo Ambrozio, que dando Christo ao bom ladraõ o Reyno, que lhe pedia; não lho dera com titulo de Reyno, e só lho dera com nome de Paraíso: *Non de Regno respondit, sed hodie mecum eris in Paradiso:* e a razão foi; porque naquelle Reyno em quanto Reyno de Christo estava significando o Reyno de Portugal, e o Reyno de Portugal em quanto Reyno de Christo, não se dava a outrem se não a Jozè: e a razão desta razão a daremos agora. Não deo Christo o seu Reyno a Dimas, porque para Dimas entrar naquelle Reyno, havia entrar depois de Joaõ, que ali estava em quinto lugar vindo a ficar assim, sen-

do Dimas o primeiro depois de Joaõ, que era o quinto. E ser o primeiro depois de Joaõ o Quinto no Reyno de Christo, ou no Reyno de Portugal, isto depois que começou a ser Reyno de Christo estava reservado para Jozè. Valhame Deos, que não sei com quem fallo aqui, ou daqui até onde, e para quem me arrebatou o pensamento, com que fallo! O certo he que estou fallando do nosso Jozè, como Rey de Portugal, e como quem estava determinado desde que Portugal foi Reyno de Christo para tomar a posse delle, depois que nelle faltasse hum Joaõ que era o quinto. Para que vissemos assim, que por este grande Rey, e Quinto Joaõ começou Jozè a ser Rey em Portugal, e como tal Rey de Reys, e Senhor de Senhores.

Este foi o tempo em que Jozè como Primeiro

meiro do nome se acclamou Rey em Portugal, quando em Portugal faltou hum João, que no nome era o quinto. Mas oh! E que se segue agora? Seguem-se as mayores glorias de Portugal, e para Jozè tambem as suas glorias mayores. A mayor gloria para Jozè, por se ver em Portugal Rey de Reys, e Senhor de Senhores. A gloria mayor que teve aquelle Jozè do Egypto, foi quando sonhou, que o Sol, a Lua, e as Estrelas o adoravaõ como Rey: *Vidi per somnium quasi Solem, & Lunam, & Stellas undecim adorare me. Numquid Rex noster eris.* Nem podia deixar de ser assim: no Sol, Lua, e Estrelas estaõ simbolizados os Senhores, os Grandes, e os Reys: e ver-se Jozè Rey de Reys, e Senhor de Senhores, nas Estrelas, Lua, e Sol, que via a seus pés, foi para Jozè

toda a sua gloria. Disto mesmo se gloriava elle muito, quando vio verdades no Egypto, o que em Hebron tinhaõ sido sonhos: *Nuntiate Patri meo, gloriam meam.*

E se para Jozè he gloria grande, e toda a sua gloria, o ver-se em Portugal Rey de Reys, e Senhor de Senhores, que gloria naõ será para Portugal o ver-se hoje com hum tal Rey como Jozè. Certamente que neste Jozè tem Portugal hum Rey para o exaltar, para o engrandecer, e para ter com elle, e por elle muitas glorias grandes augmentos. Jozè quer dizer augmentos e mais augmentos: *Joseph accrescens, Joseph accrescens, Joseph augmentum*: E seraõ taes os augmentos em Portugal com este Jozè por Rey, que o Rey passará a Emperador certamente, e o Reyno sem duvida chegará a ser Imperio: *Imperium mihi.*

E se toda esta gloria tem vindo, e ha de vir ainda a Portugal por Jozè; que mais podiamos nós dizer hoje do Patrocínio de Jozè, do que dizermos, que he Rey de Portugal? Porque se o seu Patrocínio he taõ poderoso para os de fora, e para os estranhos, o que naõ será para os Portuguezes, que saõ seus vassallos, e para o Reyno, que como Reyno de Christo, he tambem hoje Reyno de Jozè: *Ut putabatur filius Jofepb.*

Excellentissimo Senhor; se he grande a gloria dos Portuguezes, e de todos os vassallos deste Reyno, o terem hoje hum Rey, e Senhor como Jozè; naõ he menos gloria esta para vossa Excellencia; pois he hum dos melhores vassallos deste Rey. Em toda a parte do Reyno de Portugal, se

pode Vossa Excellencia gloriar, de que teve sempre muito da sua parte o Patrocínio deste grande Rey, do Senhor Saõ Jozè; mas fique Vossa Excellencia na certeza de que a gloria toda de ter em seu favor todo o Patrocínio do Senhor S. Jozè, só em Pernambuco a veyo Vossa Excellencia perfeitamente gozar. Eu me explico com hum passo da Sagrada Escritura, que mais parece Profecia, do que prova do que digo, e estamos vendo.

Ostendam tibi gloriam meam; ponam te in foramine Petrae, & protegam dextera mea, & posteriora mea videbis. Olá Moysés; dizia Deos hum dia fallando a este famoso homem. Quando te eu puzer por Governador, e Capitaõ General do meu Povo, lá sobre a abertura de huma pe-

K

dra;

dra: *Ponam te in foramine Petrae*; entaõ te mostrarei a minha gloria, e terás a gloria de ver sobre ti todo o poder do meu Patrocínio: *Ostendam tibi gloriam meam, & protegam dextera mea.* Eu não sey se cumprio Deos, cu não a Moysés esta Promessa; porque ainda que acho a Moysés constituido por Deos, Governador, e Capitão General do seu Povo, e favorecido grandemente pelo poderoso braço do Patrocínio do Senhor, com tudo como não acho na Escriitura aquelle: *Foramine Petrae*: lugar determinado por Deos para dar a Moysés o que lhe prometia, ficame tambem lugar para dizer, que a Moysés se fez a promessa, e em Vossa Excellencia se cumprio a Profecia, e isto pelo nome de Vossa Excellencia, e

pelo lugar, em que está.

Está Vossa Excellencia constituido Governador, e Capitão General deste Estado de Pernambuco: pois eisahi está tambem o *Foramine Petrae*, de Moysés: *Foramine Petrae*, não quer dizer outra couza mais que *Pedra furada*, ou *Abertura de Pedra*, e este he o nome proprio de Pernambuco, que na lingua da terra he *Paranambue*, que quer dizer *Pedra furada*; nome que deraõ os naturaes a este lugar, por aquelles Arreciffes, que alli o cercaõ, e por entre cujas aberturas entraõ, e sahem as aguas nas suas enchentes, e vazantes. Este he Pernambuco, e aqui está Vossa Excellencia posto: *Ponam te in foramine Petrae.*

He o nome de Vossa Excellencia Luiz Jo-
zè

zè , e este mesmo por Anagrama puro , e legitimo he o que diz o nome : *Moyfes*. Este nome *Moyfes* , consta de seis letras , e na primeira que he hum M , e na ultima que he hum S temos o primeiro nome de Vossa Excellencia , que he Luiz. Esta letra M escrita como se deve escrever , que he em letra de fórma , ou de boa fórma , compoem-se de trez letras ; porque se compoem de huma hastea , que fica para a parte direita , e de outra hastea para a parte esquerda , as quaes apartadas fica no meyo hum U perfeito : na hastea da parte direita , temos hum perfeito L na hastea da parte esquerda , tambem temos hum I perfeito : agora ajuntando o L primeiro , com o U , do meyo o I , do fim com o S , ultimo de *Moyfes* , faz o nome

primeiro de Vossa Excellencia que he LUIS , de *Moyfés* tirado o M , do principio , e o S , do fim ficaõ neste meyo quatro letras , que laõ hum I , hum O , hum S , que faz as vezes de Z , e hum E , que juntas dizem JOZE ficando assim o nome *Moyfés* , por anagrama puro , dizendo LUIS JOZE.

Ainda mais : *Moyfés* quer dizer homem , que foi tirado das correntes do Rio Nilo para Governador do Povo de Deos : *Moyfes* , *idest ab aquis extractus*. Para Governador deste Povo , que por Portuguez todo , he todo de Deos , foi Vossa Excellencia tirado das aguas deste Oceano. Agora ouça Vossa Excellencia , o que lhe diz o Senhor Saõ Jozè , que faz aqui as vezes de Deos ; porque se Deos , como Supremo Monarca do Reyno de Israel

foi o que constituhio a Moysés por seu Governador. O Senhor Saõ Jozè , como Rey dos Senhores Reys de Portugal , foõ que influio no Senhor Rey Dom Joaõ o Quinto , para que constituisse a Vossa Excellencia por Governador deste Estado ; ouça pois Vossa Excellencia , o que lhe diz o Senhor Saõ Jozè.

Quando eu puzer ao Moysés Portuguez , a Luiz Jozè ; por Governador , e Capitão General em Pernambuco : *Ponam te in foramine Petræ* ; entaõ verá toda a minha gloria , ou terá a gloria de experimentar todo o poder do meu Patrocinio : *Ostendam tibi gloriam meam , & protegam dextera mea*. Huma gloria , e muitas glorias , promete aqui o Senhor Saõ Jozè a Vossa Excellencia : huma glo-

ria para antes : *Ostendam tibi gloriam meam* e muitas glorias para depois : *Posteriora me videbis* : A gloria de antes , foi a que teve Vossa Excellencia , quando por influxo do Senhor Saõ Jozè , e pelo Senhor Rey Dom Joaõ o Quinto foi Vossa Excellencia constituido Governador em Pernambuco ; que por isso se poem aqui esta gloria primeiro que o lugar de Pernambuco em que está Vossa Excellencia : *Ostendam tibi gloriam meam ; Ponam te in foramine Petræ* : As glorias para depois , saõ as que hade ter Vossa Excellencia quando pelo Senhor Saõ Jozè , como Rey dos Senhores Reys de Portugal , ou pelo nosso Monarca Portuguez o Senhor Dom Jozè o Primeiro hade ficar Vossa Excellencia confirmado outra vez , e consti-

constituido muitos annos , por Governador deste Estado , para augmento , exaltação , e gloria de Pernambuco , como no nome de Vossa Excellencia está signifi- cado: *Joseph accrescens* ; *Joseph augmentum* : E para que de Pernambuco faya Vossa Excellencia para outros cargos mais augmentados , e para cu-

tros empregos de mayor gloria. E para que depois de todas estas glorias , tenha a ultima de todas , que he entrar com o Senhor Saõ Jozè na posse do Reyno de Christo , ou de Jozè , que he a mesma gloria: *Posteriora mea videbis Ostendam tibi gloriam meam: Ad quam nos perducatur Dominus omnipotens. Amen.*



